

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO – CSE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

RAQUEL DE AZEVEDO

**DA PRODUÇÃO DE LIMITES AO ILIMITADO:
A LUTA PELO PRESENTE**

FLORIANÓPOLIS

2011

RAQUEL DE AZEVEDO

**DA PRODUÇÃO DE LIMITES AO ILIMITADO:
A LUTA PELO PRESENTE**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito para obtenção do título de bacharel.

Orientador: Nildo Domingos Ouriques

FLORIANÓPOLIS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 10 à estudante Raquel de Azevedo na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Nildo Domingos Ouriques
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Idaleto Malvezzi Aued
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Israel Montesuma Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Minha pauta era repercutir a reeleição de Hugo Chávez na Venezuela. Meu entrevistado era Nildo Ouriques. Eu era apenas uma caloura de Jornalismo, mas precisava fingir 30 anos de experiência nas costas para produzir boas aspas. Apresento-me para o Nildo e disparo minha primeira pergunta:

- Chávez é um populista?

O Nildo se reclina na cadeira, hesita por um instante e retruca:

- O que é populismo?

Era a primeira vez que eu escutava o eco das minhas perguntas. A resignação que a minha fala carregava me fez desistir da minha paixão pela escrita. Eu gostava demais de contar histórias para contá-las sem verdade. Sentia que era preciso me afastar da estética para um dia poder retornar a ela de forma plena e honesta.

Em meus estudos na Economia, Idaletto Aued me fez redescobrir o sentido da sala de aula. Mas assim como um filho precisa sair de casa, precisa quebrar todas as regras para entender a verdadeira natureza dos ensinamentos de seus pais, este trabalho é uma insurgência contra minha própria formação, na esperança de que com as minhas palavras eu possa honrar a história do Idaletto e de tantos outros que entregaram seus próprios corpos na luta pela liberdade.

Comecei a duvidar da minha formação quando minha grande oponente dentro de sala de aula – e grande amiga fora dela, Ingrid Wagner – anunciou que estava grávida. O que ensinaremos para a pequena Sofia? Que pais seremos? Ou não será esse o grande ato político de nossas vidas? Mas não o único. Confesso que foi o amor que me ensinou que o infinito não existe fora de nós, mas está no próprio ato de sua criação. Ao lado de Thiago Oechsler, experimentei o sabor do tempo presente. Nossa relação me ensinou que a revolução é o hoje.

Eis que chega o dia em que eu retorno à sala do Nildo. Trago minha formação em crise travestida em um problema econômico. As conversas com Heitor Brinhosa me ajudaram a transformar meus erros no ato criativo do qual este trabalho é a síntese. Agradeço também aos conselhos valiosos de Lauro Mattei e ao companheirismo de Bruno Schlögl. Mas o maior de todos os agradecimentos eu devo aos meus pais. Sem sua luta incansável para deixar para mim e para meu irmão a herança da educação, nada disso seria possível.

RESUMO

AZEVEDO, Raquel de. *Da produção de limites ao ilimitado: a luta pelo presente*. Monografia – Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

A estreita relação entre tempo e espaço é a angústia que move este trabalho. Na medida em que a aplicação da ciência se torna o princípio da produção social, a acumulação capitalista cresce em um ritmo acelerado, de modo que a queda na taxa de lucro exista apenas como tendência. No entanto, a riqueza de humanidades que este movimento antropofágico cria já não cabe no próprio ato criativo do capital. O modo como o domínio do tempo se manifesta na universalidade do espaço já evidencia que a relação capitalista não comporta a si mesma. Mas é na mecânica quântica que o erro da medida se transforma em um ato criativo que não obtém o caráter genérico de suas proposições a partir da produção de limites. A queda tendencial da taxa de lucro cria uma base produtiva capaz de romper a temporalidade que o homem produz na divisão manufatureira do trabalho. A luta pelo presente é a luta pela produção de espaços ilimitados.

Palavras-chave: domínio do tempo; queda tendencial da taxa de lucro; mecânica quântica; produção do espaço.

ABSTRACT

The close relationship between time and space is the anguish that drives this work. As the application of science becomes the principle of social production, capitalist accumulation grows at a rapid pace, so that the falling rate of profit exists only as a tendency. However, the richness of humanities that this movement creates no longer fits in the creative act of capital. How the domain of time manifests itself in the universality of space already shows that the capitalist relation does not support itself. But it is in quantum mechanics that the measurement error turns into a creative act that no longer reaches the generality of its propositions from the production of limits. The tendency of the rate of profit to fall creates a productive structure able to overcome the temporality produced in the manufacturing division of labor. The fight for the present is the fight for the production of unlimited spaces.

Keywords: domain of time; tendency of the rate of profit to fall; quantum mechanics; production of spaces.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O FINITO.....	13
2.1 O SILÊNCIO	13
2.2 A DIFERENCIAÇÃO DAS ESPÉCIES	19
3 O INFINITO	30
3.1 A ANTROPOFAGIA	30
3.2 O CORPO SEM ALMA	41
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Embora para o capital o tempo presente só exista como adiamento, já não é tempo de contar histórias que começam pela campa para chegar ao berço. O desdém com que Brás Cubas narra o que foi apenas enaltece o que não foi¹. Este trabalho é a construção da brecha e não a afirmação do não-ser. Toda insurgência aponta aquilo que lhe precede como erro. Este trabalho, porém, toma o erro como princípio para romper o silêncio resignado de um tempo em que os mortos velam os vivos². No erro, o homem *produz* o tempo presente, que existe para ele apenas como fábula³ na cisão da existência humana em elementos universais e singulares.

Na produção capitalista, o homem assenta fora de si a generalidade do seu ser ao produzir para si o limite. O homem se faz homem na medida em que é reduzido a uma esfera cada vez mais restrita de sua existência, isto é, o mundo dos homens só transcende a sua finitude na reafirmação do finito. A ciência moderna faz da variação infinitesimal do ser o meio para atingir a sua organicidade⁴. “A vida é devoração pura”, diz Oswald de Andrade. “Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite?”⁵. Em *A Morta*, Oswald explica o que fazem aqueles que falam a língua da generalidade humana.

¹ “Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, que é um vício hediondo. Mas na morte, que diferença!, que desabafo!, que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados”. (ASSIS, 1998, p. 55)

² “É tempo de muletas.

Tempo de mortos faladores

e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,

mas ainda é tempo de viver e contar”. (ANDRADE, Carlos Drummond de, 1987, p. 121)

³ “Dever! Qual é a tua origem, ó pensamento maravilhoso, que não fazes agir nem com uma benévola insinuação nem com a lisonja ou a ameaça, mas somente com a manutenção da tua pura lei na alma, e assim obténs para ti sempre respeito, quando não obediência? Tu, diante de quem todos os desejos se calam, ainda que secretamente se rebelam?” (KANT apud DARWIN, 2002, p. 120)

⁴ “O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. É essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo”. (HEGEL, 2008, p. 26)

⁵ ANDRADE, Oswald de, 1990a, p. 101.

O Turista: Com quem tenho a honra de falar?
O Polícia: Com a polícia poliglota.
O Turista: Oh! Que prazer! O senhor sou eu mesmo na voz passiva. Na minha qualidade de turista falo sete línguas, nesta idade! E não tenho mais governante!
O Polícia: Também falo sete línguas, todas mortas. A minha função é mesmo essa, matá-las. Todo o meu glossário é de frases feitas...
O Turista: As mesmas que eu emprego. Nós dois só conseguimos catalogar o mundo, esfriá-lo, pô-lo em vitrine!
O Polícia: Somos os guardiães de uma terra sem surpresas⁶.

Este trabalho aponta o dedo para o fundamento material do “mundo sem surpresas” e verifica que a produção de limites resultante da divisão do trabalho no interior da manufatura pulsa no cálculo diferencial que se torna o princípio da produção social na indústria moderna. Na medida em que o homem se separa de sua condição de trabalhador, a acumulação de capital se expande em um ritmo acelerado, atando-o a um *fim determinado* como meio para produzir sua vida. Em *O Rei da Vela*, Oswald de Andrade conta como o burguês Abelardo I – que fez sua fortuna com a crise do café na década de 1930 – é trapaceado por seu empregado Abelardo II. A indiferença dos nomes é “um episódio da concorrência”⁷, com o que se regozija, ao fim da peça, a personagem que empresta suas falas ao imperialismo: “Oh! Good business!”⁸. Falido, Abelardo I *cumpr*e seu *fim*, suicida-se. Ao descobrir que o seu subordinado fora o seu algoz, exclama: “Foi um suicídio autêntico. Abelardo matou Abelardo”⁹.

Abelardo I: Um homem não tem importância... A classe fica. Resiste. O poder do espiritualismo. Metempsicose social...
Abelardo II: Quer que chame um médico?
Abelardo I: Para quê? Para constatar que eu revivo em você? E portanto que Abelardo rico não pagará a conta de Abelardo suicida?¹⁰

Este trabalho busca a relação entre as leis físicas que explicam como estas palavras chegam aos olhos do leitor e as leis econômicas que mostram como a luz artificial – ou as velas de Abelardo – alcançam os lugares mais longínquos. A produção capitalista ensina que tempo e espaço possuem uma relação estreita: o domínio do tempo se manifesta na constituição do espaço enquanto universalidade. Mas de que forma a divisão do trabalho vai rompendo os limites espaciais aos quais a sociabilidade humana está inicialmente restrita? Como o senhor do tempo deixa suas marcas no espaço?

⁶ ANDRADE, Oswald de, 1995, p. 50.

⁷ Idem, 1976, p. 111.

⁸ Ibid., p. 119.

⁹ Ibid., p. 105.

¹⁰ Ibid., p. 106.

A história brasileira está inserida no movimento pelo qual o capital amplia as condições de saque sobre o futuro para romper a degeneração que lhe corrói as entranhas. Oswald de Andrade (1990b) dizia que Portugal grilou o Brasil com tratado de Tordesilhas – “duplamente, pois grilou dos autóctones e, depois, grande parte do território pertencente à Espanha”¹¹. O processo de socialização da vida se manifesta no ato de extrapolar os limites que ele mesmo cria, na antropofagia oswaldiana, no processo civilizatório de Darcy Ribeiro. A ocupação e falsificação de título de propriedade – o grilo – é não apenas o ato fundante da formação econômica do Brasil, como também, nas palavras de Nodari (2007), a origem da ordenação que o proíbe. É sob esta contradição que se move a relação espaço-tempo.

O desencontro com o índio nu rendeu à Europa a declaração dos direitos do homem¹² e um modo de pensar do qual nem mesmo a crítica crítica pode escapar. Quando Galileu sai em defesa do heliocentrismo, alegando que as proposições de Copérnico não eram apenas um artifício matemático para aperfeiçoar a previsibilidade dos fenômenos astronômicos, mas uma realidade física, repete-se no céu aquilo que se produz com a divisão do trabalho no interior da oficina, a saber, o objeto do pensamento se separa do próprio pensamento em si. Galileu não podia validar o heliocentrismo com a filosofia natural aristotélica, que prontamente negava o caráter inédito de suas observações ao afirmar que as leis que regulavam os céus eram distintas das leis que regulavam a Terra. É no desenvolvimento da mediação que se interpõe entre o observador e o conteúdo observado que nasce a ciência moderna.

Le concept de la logique jusqu'alors en vigueur repose sur la séparation présumée une fois pour toutes dans la conscience habituelle entre le contenu et la forme de la connaissance, ou entre la vérité et la certitude. On présume *premièrement* que le matériau du connaître est présent en et pour soi, comme un monde achevé à l'extérieur du penser ; que le penser, pour soi, est vide ; que, à la manière d'une forme, il approche extérieurement cette matière, s'en emplit, et qu'il ne gagne un contenu et ne devient un connaître réel que par là. Ensuite ces deux parties-constitutives (car elles doivent avoir relation de parties-constitutives, et le connaître est composé à partir d'elles de manière mécanique, ou tout au plus chimique) se tiennent l'une en regard de l'autre dans un ordre-hiérarchique tel que l'objet soit quelque chose d'accompli et d'achevé pour soi, qui, pour son effectivité, pourrait se passer parfaitement du penser, tandis que le penser, par contre, serait quelque-chose d'incomplet qui ne peut se parfaire qu'en un matériau, et qui en fait, en tant que forme molle et indéterminée, aurait à s'adapter à sa matière. La vérité est l'harmonisation du penser avec l'objet ; et, pour produire cette harmonisation, – car elle n'est pas présente en et pour soi, – c'est le penser qui doit se soumettre à l'objet e se conformer à lui¹³.

¹¹ NODARI, 2007, p. 19.

¹² “Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”. (ANDRADE, Oswald de, 1990a, p. 48)

¹³ O conceito de lógica até então em vigor é baseado na separação pressuposta uma vez por todas na consciência habitual entre o conteúdo e a forma do conhecimento, ou entre a verdade e a certeza. Supõe-se desde o início que

A ciência moderna exalta a negatividade do erro, cuja função não é questionar os axiomas, mas reafirmá-los. A crítica é o eterno retorno ao mestre porque pretende derrubá-lo com a sua própria gramática. No entanto, o movimento antropofágico em que se resolve o domínio do tempo decorrente da divisão do trabalho cria uma riqueza de humanidades que já não cabe na oposição entre forma e conteúdo. O princípio da incerteza de Heisenberg mostra que a precisão com que se pode determinar simultaneamente a posição e a velocidade do elétron é equivalente ao diâmetro atômico. A mecânica quântica faz do erro criação, transforma a imprecisão da medida no ponto de partida de uma formulação estatística que é em si mesma o rompimento com a estreiteza da formulação indutivista. A matemática é o não-ser do presente, é a generalização de homens partidos. Mas a estatística é seu *habeas-corpus*.

Tal como os corpos elementares regulares de Platão, as partículas elementares da física moderna são definidas por condições matemáticas de simetria; não são eternas nem invariáveis e, portanto, dificilmente podem ser chamadas “reais” na verdadeira acepção da palavra. São antes simples representações daquelas estruturas matemáticas fundamentais a que se chega nas tentativas de continuar subdividindo a matéria; representam o conteúdo das leis fundamentais da natureza. Para a ciência natural moderna não há mais, no início, o objeto material, porém forma, simetria matemática. E, desde que a estrutura matemática é, em última análise, um conteúdo intelectual, poderemos afirmar, usando as palavras de Goethe no *Fausto*, “no princípio era a palavra” – o *logos*¹⁴.

A relação entre espaço e tempo é a manifestação de que a relação capitalista não comporta a si mesma, de que vivemos um tempo de exceção. Porém, a mecânica quântica faz da impossibilidade da medida do espaço criado uma formulação estatística cuja infinitude não existe como contrapartida da produção de limites. A emancipação humana de sua menoridade¹⁵ torna-se um elemento prático-efetivo de sua atividade. Este trabalho coloca em

o material do conhecimento está disponível em si e por si como um mundo acabado fora do pensamento e que o pensar em si é vazio, aproxima-se de forma extrínseca à matéria, enche-se com ela e somente então adquire um conteúdo e torna-se um conhecimento real. Então, estes dois elementos constitutivos (pois a partir deste ponto de vista o conhecimento é composto por esses elementos de forma mecânica) colocam-se um ao lado do outro em uma ordem hierárquica segunda a qual o objeto é algo completo e acabado em si e sua efetividade pode perfeitamente prescindir do pensar, enquanto que o pensamento, pelo contrário, é algo incompleto que só pode se efetivar na matéria, amoldando-se e adaptando-se a ela como uma forma maleável e indeterminada. A verdade é a harmonização do pensar com o objeto e para produzir esta harmonização – porque ela não está disponível em si e por si – o pensamento deve se submeter e se acomodar ao objeto (tradução nossa). (HEGEL, 1972, p. 11-12)

¹⁴ HEISENBERG apud BORN et al, 2004, p. 26-27.

¹⁵ “A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. [...] Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento”. (KANT, 2005, p. 63-65) Mas Kant continua: “Uma época não pode se aliar e conjurar para colocar a seguinte em um estado que se torna impossível para esta ampliar seus conhecimentos (particularmente os mais imediatos), purificar-se dos erros e

evidência o ato criativo que nasce da expansão do capital em uma proporção superior à elevação da composição orgânica. Contrariando o espaço-tempo da produção capitalista, a criação de *espaços ilimitados* – porque não se erguem sobre a produção de limites – permite romper a temporalidade que o homem produz com a divisão manufatureira do trabalho. Desfazer a cisão entre ciências sociais e ciências naturais é o ato de criação do espaço a que este trabalho se propõe.

avançar mais no caminho do esclarecimento [*Aufklärung*]. Isto seria um crime contra a natureza humana, cuja determinação original consiste precisamente neste avanço”. (Ibid., p. 68)

2 O FINITO

2.1 O SILÊNCIO

O ato sexual concilia gênero e espécie, patenteia o caráter universal dos opostos e realça a diferença dos iguais. A contradição entre concorrência e cooperação se dissolve na cópula¹⁶. A diferenciação das formas de vida se confirma no sexo, na comunhão dos corpos. Darwin descobriu no ato sexual a genealogia da mudança¹⁷. A evolução dos caracteres sexuais é a cristalização da generalidade das espécies. Para o homem, porém, o gênero não é um consenso da natureza, mas produção. O homem produz sua humanidade ao fazer de toda a natureza a extensão do seu corpo e a confirmação de suas capacidades, apesar da bíblia¹⁸. A diferenciação das espécies se plasma na constituição corpórea dos seres, o devir da natureza é um com o seu corpo¹⁹. O homem, porém, faz da diferença o seu objeto. Os caracteres sexuais que distinguem macho e fêmea reaparecem para o homem enquanto sua obra. A divisão corporal reaparece como divisão do trabalho no seio da família²⁰. No processo pelo qual assenta sua humanidade fora de si, o homem cinde sua existência em elementos universais e singulares. Esta duplicidade que outrora o ato sexual confirmava se coloca, então, como fundamento do intercâmbio entre os homens.

Os princípios astronômicos que dominaram o pensamento ocidental até o século XVI²¹ encontram seu berço na dicotomia entre a mutabilidade das coisas terrestres e a permanência das coisas celestes. O tempo nasce como oposição do imóvel ao movente, é a marca que a

¹⁶ “A diferenciação da vida em diferentes espécies trouxe consigo tanto competição em algumas espécies como cooperação entre outras. Qual dessas duas relações opostas é a lei suprema da natureza, se é que alguma dessas relações o é?” (TOYNBEE, 1987, p. 20)

¹⁷ “O que atropelava a verdade era a roupa”, conclui Oswald de Andrade (1990a).

¹⁸ “[O trabalhador] faz de uma coisa da natureza órgão de sua própria atividade, um órgão que acrescenta a seus próprios órgãos corporais, aumentando seu próprio corpo natural, apesar da Bíblia”. (MARX, 2004b, p. 213)

¹⁹ “Fria ciática, deixa os senadores aleijados, porque nos membros mostrem igual claudicação à dos costumes”, pragueja Timão de Atenas ao compreender que os homens se assemelham com as aves de arribação. A andorinha não acompanha a sol com mais gosto do que os homens acompanham as fortunas, nem fogem tão prontamente do inverno como os homens fogem aos prenúncios de um revés, diz Shakespeare. (SHAKESPEARE, [19--], p. 226)

²⁰ “Numa família e posteriormente numa tribo surge uma divisão natural de trabalho, em virtude das diferenças de sexo e de idade, uma divisão de base puramente fisiológica. Essa divisão amplia seus elementos com a expansão da comunidade, com o crescimento da população e notadamente com o conflito entre as diversas tribos e a subjugação de uma a outra”. (MARX, 2004b, p. 406)

²¹ Em 1543, Copérnico publica *De revolutionibus orbium caelestium*, em que apresenta o sol como centro de tudo.

perenidade dos céus deixa sobre a transitoriedade terrestre. Aristóteles imaginava que o universo era uma esfera que tinha a Terra como centro e as estrelas como limite. Toda existência supralunar seria constituída por uma substância incorruptível responsável pela imutabilidade do cosmos. Mas era em torno da corrupção das coisas terrestres que girava a harmonia impassível dos céus. O perecimento do geocentrismo durante o Renascimento europeu é muito mais do que uma revolução na astronomia. Trata-se do momento histórico em que a hostilidade entre o que muda e o que permanece se coloca como um produto humano. O que se opõe ao incessante devir das coisas terrestres não é a aparência fixa dos astros, mas a produção da generalidade humana. Dessa forma, aquele que pergunta sobre a origem e a finalidade das coisas pergunta sobre o processo de desumanização dos homens na produção de sua humanidade.

Ora, é certamente fácil dizer ao indivíduo singular o que já diz Aristóteles: foste gerado por teu pai e tua mãe, portanto, a cópula de dois seres humanos, logo um ato genérico do ser humano, produziu o ser humano em ti. Vês, portanto, que também fisicamente o ser humano deve a sua existência ao ser humano. Tens de manter, portanto, não apenas *um* dos lados sob os olhos, o progresso infinito, segundo o qual continuas a perguntar: quem gerou o meu pai, quem gerou o seu avô etc. Tens também de não largar o *movimento circular*, que é sensivelmente intuível naquele progresso, segundo o qual o homem repete a si próprio na procriação, portanto, o ser humano permanece[ndo] sempre sujeito.

Responderás, porém: concedido a ti este movimento circular, concede-me tu o progresso, que sempre me impele a continuar, até que eu pergunte: quem gerou o primeiro ser humano e a natureza em geral?

Só posso responder-te: a tua pergunta é, ela mesma, um produto da abstração. Pergunta-te como chegas àquela pergunta; interroga-te se a tua pergunta não ocorre a partir de um ponto de vista ao qual eu não posso responder porque ele é um ponto de vista invertido. Pergunta-te se aquele progresso como tal existe para um pensar racional. Se tu te perguntas pela criação da natureza e do ser humano, abstrais, portanto, do ser humano e da natureza. Tu os assentas como *não-sendo* e ainda queres, contudo, que eu te os prove como *sendo*. Digo-te eu, agora: se renuncias à tua abstração também renuncias à tua pergunta ou, se quiseres manter a tua abstração, sê então conseqüente, e quando pensando pensas o ser humano e a natureza como *não-sendo*, então pensa-te a ti mesmo como não-sendo, tu que também és natureza e ser humano. Não penses, não me perguntes, pois, tão logo pensas e perguntas, tua *abstração* do ser da natureza e do homem não tem sentido algum. Ou és um tal egoísta que assentas tudo como nada e queres, tu mesmo, ser? [...]

Mas, na medida em que, para o homem socialista, *toda a assim denominada história mundial* nada mais é do que o engendramento do homem mediante o trabalho humano, enquanto o vir a ser da natureza para o homem, então ele tem, portanto, a prova intuitiva, irresistível, do seu *nascimento* por meio de si mesmo, do seu *processo de geração*²².

O pensamento de Aristóteles é o gênero se explicitando através dos caracteres sexuais. Seu modo de pensar é um com o objeto do pensamento. Somente com o telescópio de Galileu

²² MARX, 2004a, p. 113-114.

o conteúdo do pensamento se separa do pensamento em si. As observações que confirmam o heliocentrismo de Copérnico só poderiam ser validadas através do desenvolvimento de uma teoria óptica que explicasse o funcionamento do telescópio e não através do conteúdo das próprias observações. O pensamento se autonomiza de sua base terrena e se move como um livro sem capítulo inicial quando o gênero assume uma existência fora do homem e se coloca como sua mediação com os demais homens. Ao apontar seu telescópio para as luas que orbitavam Júpiter, Galileu forneceu evidências de que havia mais de um centro de rotação no universo. Se a Terra não é o centro do universo, tampouco sua constituição deve se diferenciar da extensão celeste, conclui Giordano Bruno. A Inquisição o perseguiu e matou porque sabia que aquelas idéias eram o gênero se separando dos caracteres sexuais, tais formulações não haviam nascido sob o silêncio sepulcral das universidades, mas sob o calor dos trópicos, no desencontro de civilizações. O que o europeu descobre ao cruzar o Atlântico é que sua existência não é algo acabado e verdadeiro em si.

Lévi-Strauss (2004) conta que a etnologia identifica no costume das tribos em produzir ruídos desordenados diante de eclipses o propósito de afugentar o animal que se prepara para comer o astro. Antes de conhecerem o cozimento dos alimentos, a carne era colocada sobre uma pedra para ser exposta aos raios do sol. A consistência que a carne adquiria era a confirmação da proximidade entre o céu e a terra. O fogo de cozinha aparece como mediação entre o *mundo podre* que resultaria do desaparecimento do sol e o *mundo queimado* que decorre da conjunção total do sol com a humanidade. Durante o processo de cozimento, os costumes prescrevem o silêncio. A ausência do barulho se torna, portanto, a medida do domínio humano sobre a sua existência.

A ciência moderna nasce do repúdio ao barulho da filosofia na busca pela causa oculta das coisas, pois o próprio homem se constitui como universalidade existente. Quando perguntado sobre a origem das propriedades da gravidade, Newton retruca: *hypothesis non fingo*²³. Ouve-se apenas os ruídos da matemática, que antecipa todo o processo em seus axiomas, condena os fenômenos à repetição incessante. Poincaré (1985) explica que a generalidade da indução matemática está apoiada sobre um número muito grande de

²³ “Mas até aqui não fui capaz de descobrir a causa dessas propriedades da gravidade a partir dos fenômenos, e não construo nenhuma hipótese [*hypothesis non fingo*]; pois tudo que não é deduzido dos fenômenos, deve ser chamado uma hipótese; e as hipóteses, quer metafísicas ou físicas, quer de qualidades ocultas ou mecânicas, não tem lugar na filosofia experimental. Nessa filosofia as proposições particulares são inferidas dos fenômenos, e depois tornadas gerais pela indução. Assim foi que a impenetrabilidade, a mobilidade e a força impulsiva dos corpos, e as leis dos movimentos e da gravitação foram descobertas. E para nós é suficiente que a gravidade realmente exista, aja de acordo com as leis que explicamos e que sirva abundantemente para considerar todos os movimentos dos corpos celestiais e de nosso mar”. (NEWTON, 1979, p. 22)

observações, porém, limitado, fazendo do raciocínio por recorrência²⁴ o meio que permite transcender do finito ao infinito. A indução repete o mito ao transformar todo acontecer em expiação do seu ter acontecido, diz Horkheimer. “O iluminismo fica nisso mesmo: o fato se anula, mal tendo acontecido”²⁵. É o silêncio diante do tempo presente o que a ciência moderna e a filosofia grega comungam.

O atomismo grego busca a unidade do ser naquilo que é indivisível. Marx (s/d) identifica em Demócrito o cético, para quem tudo o que existe é o átomo e o vazio. Demócrito se embestia da sensorialidade, mas a transitoriedade das coisas o levava a refutá-la. “O fenômeno é o verdadeiro. O verdadeiro nos é escondido”²⁶. Marx (s/d) explica que o escondido só começa onde o fenômeno e a verdade se separam. Para Demócrito, toda qualidade percebida pelos sentidos decorre da diferença quantitativa entre os átomos. Significa dizer que os predicados só se diferenciam pela forma (*skhéma*), pela ordem (*táxis*) e pela posição (*thésis*) dos átomos no vazio. No entanto, Demócrito concebe as propriedades dos átomos relativamente às diferentes características do mundo fenomênico e não relativamente ao átomo em si. Eis a origem dos seres animados²⁷, segundo Demócrito:

A alma deve, pois, ser feita da matéria mais móvel, de átomos sutis, lisos e arredondados (de fogo). Estas partículas de fogo estão espalhadas por todo o corpo; entre todos os átomos corporais se intercala um átomo de alma. Estes se movem perpetuamente. Por causa de sua sutileza e de sua mobilidade arriscam-se a serem arrancados do corpo pelo ar circundante. É disso que nos preserva a respiração, que nos traz constantemente de fora novos átomos de fogo e de alma para substituir os átomos desaparecidos e que prende no interior do corpo aqueles que queiram escapar. Se a respiração cessa, o fogo interior escapa. Disso resulta a morte²⁸.

O indivisível é o sedimento que Demócrito recolhe na efemeridade do fenômeno e o deposita no elemento mais simples da matéria. Marx (s/d) mostra que é Epicuro quem traz a hostilidade entre essência e aparência para o átomo em si. A separação da realidade em elementos universais e singulares coloca-se na determinidade do existente. O mundo sensível só pode se erigir sobre si mesmo na medida em que os átomos possuam qualidades que o separam de sua essência pura. Na concepção de que determinações singulares são imanentes

²⁴ “Um jogador de xadrez pode calcular quatro, cinco lances para a frente, mas, por mais extraordinário que pareça, ele não preparará, nunca, mais do que um número finito de lances; se aplica suas faculdades à Aritmética, não poderá perceber suas verdades gerais somente com uma intuição direta; para chegar ao menor dos teoremas, não poderá dispensar a ajuda do raciocínio por recorrência porque esse é o instrumento que permite passar do finito ao infinito”. (POINCARÉ, 1985, p. 27)

²⁵ HORKHEIMER apud BENJAMIN et al, 1983, p. 95.

²⁶ MARX, s/d, p. 22.

²⁷ Termo de origem latina: *anima*. Significa sopro vital, alma (em oposição ao corpo).

²⁸ OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 2000, p. 307.

ao conteúdo informe do existente, o fenômeno se coloca como consequência de seu princípio. As qualidades sensíveis do mundo fenomênico decorrem da própria existência alienada do átomo.

Os átomos são a substância da natureza, de onde tudo provém e onde tudo se dissolve. Porém, a destruição perpétua do mundo fenomênico não conduz a qualquer resultado. Surgem novos fenômenos, mas o átomo se mantém eternamente como sedimento. Assim, quando se pensa o átomo de acordo com seu conceito, conclui-se que sua existência será o espaço vazio, a natureza destruída; mas quando ele passa à realidade efetiva, é rebaixado ao estado de base material que, enquanto suporte de um mundo de relações múltiplas, só pode existir nas formas que lhe são indiferentes e exteriores. Essa é uma consequência necessária porque o átomo suposto como um ser abstrato, singular e acabado, não pode realizar-se como potência que idealizaria e dominaria essa multiplicidade²⁹.

O átomo qualificado, materialmente limitado em seu conteúdo universal, faz com que o mundo fenomênico perca o caráter de existência verdadeira e natural em si mesma. A transitoriedade das coisas está posta na finitude imanente do átomo. Para Epicuro, universalidade e singularidade só se reconciliam no infinito. Nos corpos celestes o atomismo se dissolve, o absoluto se explicita e suprime a si mesmo. Marx (s/d) explica que no cosmos a oposição ao universal está abolida, pois os astros se tornam a universalidade existente, natureza autonomizada. Se o mundo dos átomos se caracteriza pela hostilidade entre forma e conteúdo, no cosmos a verdade sucumbe perante a possibilidade. O determinismo é o último deus que Epicuro queria expulsar do mundo dos homens³⁰.

Heráclito foi o primeiro filósofo a expressar a natureza do infinito ao conceber a natureza como sendo infinita em si. Sua essência é o processo, é a imanência da negatividade do ser, é a condenação da matéria ao devir. “Transmutando repousa (o fogo etéreo no corpo humano)”³¹. O fogo é a forma corpórea que Heráclito encontra para explicitar a mudança enquanto princípio. Nem a água de Tales³², nem o ar de Anaxímenes, Heráclito identifica na figura do fogo a manifestação da absoluta inquietude da natureza. No fogo está dissolvida a universalidade. A universalidade é o processo.

²⁹ MARX, s/d, p. 48.

³⁰ Em 2010, a descoberta de uma bactéria que traz o arsênio como um dos elementos fundamentais de sua composição ampliou incomensuravelmente o entendimento que os cientistas têm da vida. Não somente porque a procura por seres extraterrestres passará a considerar o arsênio como um dos elementos da arquitetura molecular da vida, mas pela compreensão de que a vida pode ser uma equação composta por uma infinidade de variáveis.

³¹ OS PRÉ-SOCRÁTICOS, op. cit., p. 96.

³² Hegel identifica em Tales de Mileto o berço da oposição do universal ao singular. A formulação de que a água é a universalidade da qual todas as coisas derivam é indissociável do significado da irrigação dos rios para as civilizações egípcia e mesopotâmica.

O fogo é o tempo físico; ele é esta absoluta inquietude, absoluta dissolução do que persiste – o desaparecer de outros, mas também de si mesmo. [...] O fogo, enquanto o metamorfosear-se das coisas corpóreas, é mudança, transformação do determinado, evaporação, transformação em fumaças [...]³³.

A cisão da existência humana em elementos universais e singulares permite que o homem recrie o instante seguinte ao Big Bang, mas é incapaz de expulsar o deus derradeiro que reside sobre o instante crítico da criação³⁴. Heráclito acorrentou este deus aos rochedos da longínqua região da Cítia³⁵ e fez do perecimento eterno o seu castigo. O patriarcado do determinismo encontra sua origem na produção da generalidade humana e o avanço do intercâmbio entre os homens o lança numa busca insaciável por elementos mais simples e mais universais – tão insaciável quanto o abutre que se alimenta do fígado de Prometeu.

O que faz Marx é trazer o único ato criativo que a sociedade capitalista conhece – a produção para a perda na fábrica – para as suas formulações. Na concepção de que a universalidade não é resultado da atividade subjetiva do pensamento, mas da divisão do trabalho no interior da manufatura, Marx se ergue sobre Hegel e sobre o legado da filosofia grega. A oposição entre o universal e o singular que percorre toda obra de Marx é a sublimação da produção da generalidade humana como contrapartida da restrição do homem a uma esfera cada vez mais limitada de sua existência. Significa dizer que Marx toma de empréstimo a forma que a relação capitalista assume para reproduzir o concreto como concreto pensado. “Mas este não é *de modo nenhum* o próprio processo da gênese do próprio concreto”³⁶, avisa.

No célebre ensaio *Dentro da baleia*, George Orwell (2005b) explica que a ousadia de Henry Miller em trazer a obscenidade do cotidiano para seus livros o permitiu chegar mais perto do homem do que os escritores movidos por um propósito consciente. “Leia cinco, dez páginas dele, e o leitor sentirá o alívio peculiar que se origina não tanto do entendimento

³³ OS PRÉ-SOCRÁTICOS, op. cit., p. 107.

³⁴ “A maioria dos físicos ainda tinha uma aversão instintiva à idéia de o tempo ter um início ou um fim. Portanto, observaram que o modelo matemático poderia não fornecer uma boa descrição do espaço-tempo perto de uma singularidade. A razão é que a relatividade geral, que descreve a força gravitacional, é uma teoria clássica, [...] e não incorpora a incerteza da teoria quântica, que governa todas as outras forças conhecidas. Essa inconsistência não importa na maior parte do universo, durante a maior parte do tempo, porque a escala na qual o espaço-tempo é curvo é muito grande, e aquela na qual efeitos quânticos são importantes é muito pequena. Mas, na vizinhança de uma singularidade, as duas escalas seriam comparáveis, e efeitos quânticos gravitacionais seriam importantes. Assim, o que os teoremas da singularidade de Penrose e meus realmente estabeleceram é que nossa região de espaço-tempo clássica é delimitada no passado, e possivelmente no futuro, por regiões onde a gravidade quântica é importante. Para compreender a origem e o destino do universo, necessitamos de uma teoria quântica da gravidade [...]”. (HAWKING, 2009, p. 43)

³⁵ Lugar solitário e inacessível em que Prometeu foi acorrentado.

³⁶ MARX, 1986, p. 14.

como de *ser entendido*³⁷. Orwell diz que Miller escrevia como Jonas dentro baleia. Suas histórias não queriam mudar a marcha das coisas, mas ao aceitar a forma que ela assume, Miller explicitava a miséria do seu tempo. A “prisão visceral” permitia que a ficção atingisse uma *verdade* aparentemente incomunicável, era “a voz humana entre as explosões de bombas” que moldaram a primeira metade do século XX. É como se um autor só conseguisse denunciar a mediocridade em que se move ao aceitá-la em sua própria gramática, o que na época de Miller e Orwell significava aceitar “campos de concentração, cassetetes de borracha, Hitler, Stalin, bombas, aviões, enlatados, metralhadoras, golpes de Estado, expurgos, slogans, esteiras de Bedaux, máscaras contra gases, submarinos, espões, *provocateurs*, censura à imprensa, prisões secretas, aspirinas, filmes de Hollywood e assassinos políticos”³⁸.

Diante do totalitarismo que se erigia sobre o colapso do *laissez-faire*, Orwell acreditava que todo romance que merecesse ser lido seguiria os passos da obra de Miller. “Ao que parece, nada restou exceto quietismo – despojar a realidade de seus horrores pela simples submissão a ela”, diz Orwell. “Entre nas entranhas da baleia – ou, antes, admita estar dentro da baleia (porque, claro, você *está*)”³⁹. Marx despiu a relação capitalista de seus embustes através da própria forma que ela assume na oposição entre o universal e o singular. No entanto, o que este trabalho busca ao recuperar a transfiguração do processo de trabalho individual em processo social⁴⁰ é o profano. No latim, profano significa “que está em frente ao templo, que não entra nele”. Trata-se, pois, de produzir um distanciamento da forma que a relação capitalista assume para poder romper o silêncio que ela cria.

2.2 A DIFERENCIAÇÃO DAS ESPÉCIES

Quando o homem é reduzido à esfera de um ofício independente, o seu gênero se patenteia na troca. No entanto, o cristal gerado pelo desenvolvimento do comércio dissimula a natureza social dos diferentes trabalhos concretos. Conforme o intercâmbio entre os homens se expande e se consolida, os produtores privados passam a produzir valores-de-uso para serem permutados, o caráter homogêneo dos trabalhos particulares se torna pressuposto da

³⁷ ORWELL, 2005b, p. 99.

³⁸ Ibid., p. 104.

³⁹ Ibid., p. 142.

⁴⁰ Cf. AUED, 2004, 2005a, 2005b.

produção. Mas o duplo caráter da mercadoria só se revela através de uma oposição externa, feito o tijolo que precisa de uma porção de ferro para revelar seu peso⁴¹. Ainda que a relação que contrapõe as diferentes mercadorias não seja composta por um único átomo⁴², o desenvolvimento do comércio fixa a figura do dinheiro como encarnação do valor. A oposição interna se cristaliza em uma oposição externa, isto é, as mercadorias se contrapõem ao dinheiro como objetos úteis diante da existência corpórea da sua unidade de medida. O resultado é a concepção da riqueza enquanto objeto. Escravos, bushels de trigo, metais preciosos. Como se o homem pudesse dominar o peso acumulando pedaços de ferro.

A todo momento pensamos que o grande negócio é ter dinheiro. Quando o obtemos, não há nenhuma dificuldade em realizar outras compras. Por outro lado, uma vez que o dinheiro serve como medida de valor, avaliamos todas as outras mercadorias pela quantidade de dinheiro pela qual essas mercadorias poderiam ser trocadas. Dizemos que um homem é rico porque tem muito dinheiro, e que um homem é pobre porque tem pouquíssimo dinheiro. Dizemos que um homem frugal ou ávido por enriquecer tem amor pelo dinheiro; e, falando de um homem descuidado, generoso ou pródigo, dizemos que o dinheiro lhe é indiferente. Tornar-se rico é o mesmo que adquirir dinheiro; em suma, na linguagem corrente, riqueza e dinheiro são considerados como termos absolutamente sinônimos.

Assim como um homem rico, presume-se que um país rico seja um país que tenha dinheiro em abundância, e presume-se também que o meio mais simples de enriquecê-lo seja acumular ouro e prata. Durante algum tempo após a descoberta da América, a primeira preocupação dos espanhóis ao chegarem a um litoral desconhecido era, o mais das vezes, investigar se encontrariam ouro e prata nas vizinhanças. Conforme a resposta que recebessem, julgavam se valia a pena fazer um estabelecimento no país ou se valia a pena conquistá-lo⁴³.

Smith explica que o acúmulo de metais preciosos exigia um conjunto de restrições ao comércio internacional⁴⁴. No entanto, ouro e prata insistiam em escapar ao domínio nacional a

⁴¹ “Um tijolo, sendo um corpo, pesa, tem um peso, mas não podemos determinar seu peso olhando-o ou apalpando-o. Tomamos, para isso, diversos pedaços de ferro, com os pesos previamente fixados. Consideradas em si mesmas, nem a forma corpórea do ferro nem a do tijolo são formas de manifestação do peso. Entretanto, para expressar o peso do tijolo, colocamo-lo em relação de peso com o ferro. Nessa relação, o ferro é considerado um corpo, que representa peso e nada mais. Quantidades de ferro, portanto, servem apenas para medir o peso do tijolo e, perante a materialidade deste, representam pura encarnação de gravidade, a forma de esta manifestar-se. O ferro só desempenha este papel no quadro desta relação, em que o tijolo, ou qualquer outro corpo cujo peso se quer achar, com ele se confronta. Se ambas as coisas não tivessem peso, não poderiam entrar nessa relação, e uma não serviria de expressão do peso da outra. Lancemo-las sobre a balança e veremos que, sob o ângulo exclusivo da gravidade, são a mesma coisa e, por isso, em determinada proporção possuem peso idêntico. *Como medida de peso, o ferro, com sua realidade material, representa, perante o tijolo, apenas a gravidade, do mesmo modo que, em nossa expressão de valor, o objeto material casaco representa, perante o linho, apenas valor [grifo meu]*”. (MARX, 2004b, p. 78-79)

⁴² “Vire-se e revire-se, à vontade, uma mercadoria: a coisa-valor se mantém imperceptível aos sentidos”. (Ibid., p. 69)

⁴³ SMITH, 2003, p. 533-534.

⁴⁴ “No entanto, uma vez estabelecidos estes dois princípios, a saber, de que a riqueza consiste em ouro e prata, e de que esses metais somente poderiam ser trazidos para um país que não possuísse minas por meio da balança comercial, ou se o valor das exportações superasse o das importações, inevitavelmente o grande objetivo da economia política passou a ser diminuir, o mais possível, a importação de mercadorias estrangeiras para

despeito de todas as proibições. Contrariando a lei e os sentidos, os proprietários tinham de lançar continuamente o seu capital na circulação para dela arrancar uma soma maior⁴⁵. A forma reificada⁴⁶ pela qual os mercantilistas concebiam a riqueza sucumbe diante do florescimento da manufatura. Marx (1986) explica que a divisão do trabalho no interior das oficinas produz a universalidade existente. Nem a forma dissimulada do dinheiro, nem o gênero particular de trabalho na agricultura, a atividade humana *sans phrase*⁴⁷ – dispêndio de cérebro e músculos – se coloca como fonte da riqueza.

A indiferença em relação ao gênero de trabalho determinado pressupõe uma totalidade muito desenvolvida de gêneros de trabalho efetivos, nenhum dos quais domina os demais. Tampouco se produzem as abstrações mais gerais senão onde existe o desenvolvimento concreto mais rico, onde um aparece como comum a muitos, comum a todos. Então já não pode ser pensado somente sob uma forma particular. Por outro lado, essa abstração do trabalho em geral não é apenas o resultado intelectual de uma totalidade concreta de trabalhos. A indiferença em relação ao trabalho determinado corresponde a uma forma e sociedade na qual os indivíduos podem passar com facilidade de um trabalho a outro e na qual o gênero determinado de trabalho é fortuito, e, portanto, é-lhes indiferente. Nesse caso o trabalho se converteu não só como categoria, mas na efetividade em um meio de produzir riqueza em geral, deixando, como determinação, de se confundir com o indivíduo em sua particularidade. Esse estado de coisas se encontra mais desenvolvido na forma de existência mais moderna da sociedade burguesa – nos Estados Unidos. Aí, pois, a abstração da categoria “trabalho”, “trabalho em geral”, trabalho *sans phrase* (sem rodeios), ponto de partida da Economia moderna, torna-se pela primeira vez praticamente verdadeira⁴⁸.

Na divisão social do trabalho, a troca confirma a generalidade humana; na divisão manufatureira do trabalho, a mediação entre os homens se dá a partir de sua generalidade. O nexó do homem com a atividade passada já não é mais regulado pelo ofício independente do artesão, pela habilidade e destreza que a experiência no manuseio de suas ferramentas lhe ensinou, mas pela decomposição do processo de trabalho individual nas diferentes operações que o compõem. Quanto mais simples é a tarefa que o trabalhador parcial executa, mais

consumo interno e aumentar, o mais possível, a exportação do produto da atividade nacional. Em consequência, os dois grandes instrumentos que a economia política põe em funcionamento para enriquecer o país seriam as restrições à importação e os estímulos à exportação. As restrições à importação têm sido de duas espécies. Em primeiro lugar, as restrições à importação das mercadorias estrangeiras para consumo interno que pudessem ser produzidas no país, não importando o país do qual fossem importadas. Em segundo lugar, as restrições à importação de quase todas as espécies de mercadorias provenientes dos países específicos, em relação aos quais se supunha que a balança comercial fosse desfavorável. [...] A exportação foi incentivada ora por drawbacks, ora por subsídios, ora por vantajosos tratados de comércio com Estados estrangeiros, e ora pelo estabelecimento de colônias em países distantes”. (Ibid., p. 561)

⁴⁵ “A expansão incessante do valor, por que luta o entesourador, procurando salvar, tirar dinheiro da circulação, obtém-na de maneira mais sagaz o capitalista, lançando-o continuamente na circulação”. (MARX, 2004b, p. 184)

⁴⁶ A mercadoria só celebra a sua humanização na puta, diz Walter Benjamin (1989).

⁴⁷ “Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação”. (ANDRADE, Carlos Drummond de, op. cit., p. 138)

⁴⁸ MARX, 1986, p. 16-17.

especializada é a ferramenta que ele opera. A manufatura se caracteriza pela diferenciação e adaptação das ferramentas às funções exclusivas do trabalhador parcial. A diferença como produto humano. O trabalhador coletivo se torna a medida da universalidade humana e desenvolve a habilidade parcial como marca da produção do gênero⁴⁹.

Quando o trabalhador se separa de sua atividade e do produto desta atividade, só podendo obter os seus meios de vida ao vincular-se a uma tarefa específica da atividade social decomposta, o homem faz de sua força de trabalho em operação a universalidade existente. Tão logo o capitalista reúne uma quantidade mínima de dinheiro que pode ser transformada em capital⁵⁰, isto é, que pode emancipá-lo do trabalho manual e fazer da riqueza excedente criada um fim em si mesmo, a força de trabalho torna-se para ele uma quantidade determinada de trabalho materializado, uma magnitude constante que ele adianta na circulação, mas que no processo de produção se transforma numa magnitude variável, no lugar do trabalho objetivado entra o trabalho em operação. Na constituição do processo de trabalho social, o mundo dos homens se coloca sobre seus próprios pés.

O capital é a subsunção da obtenção dos meios de vida ao trabalhador parcelar, é o tempo de homens partidos⁵¹. A mediação dos homens com sua atividade passada só existe

⁴⁹ “Enquanto a cooperação simples, em geral, não modifica o modo de trabalhar do indivíduo, a manufatura o revoluciona inteiramente e se apodera da força individual de trabalho em suas raízes. Deforma o trabalhador monstruosamente, levando-o, artificialmente, a desenvolver uma habilidade parcial, à custa da repressão de um mundo de instintos e capacidades produtivas, lembrando aquela prática das regiões platinas onde se mata um animal apenas para tirar-lhe a pele ou o sebo. Não só o trabalho é dividido e suas diferentes frações são distribuídas entre os indivíduos, mas o próprio indivíduo é mutilado e transformado no aparelho automático de um trabalho parcial, tornando-se, assim, realidade a fábula absurda de Menenius Agrippa que representa um ser humano como simples fragmento de seu próprio corpo. Originariamente, o trabalhador vendia sua força de trabalho ao capital por lhe faltarem os meios materiais para produzir uma mercadoria. Agora, sua força individual de trabalho não funciona se não estiver vendida ao capital. Ela só opera dentro de uma conexão que só existe depois da venda, no interior da oficina do capitalista. O trabalhador da manufatura, incapacitado, naturalmente, por sua condição, de fazer algo independente, só consegue desenvolver sua atividade produtiva como acessório da oficina do capitalista. O povo eleito trazia escrito na fronte que era propriedade de Jeová; do mesmo modo, a divisão do trabalho ferreteia o trabalhador com a marca de seu proprietário: o capital”. (Idem, 2004b, p. 415-416)

⁵⁰ “As corporações da Idade Média procuraram impedir coercitivamente a transformação do mestre artesão em capitalista, limitando a um mínimo o número máximo de trabalhadores que cada mestre podia empregar. O possuidor de dinheiro ou de mercadorias só se transforma realmente em capitalista quando a soma mínima adiantada para a produção ultrapassa de muito esse limite medieval. Aqui, como nas ciências naturais, evidencia-se a justeza da lei descoberta por Hegel, em sua *Lógica*: modificações quantitativas, além de certo ponto, se transformam em modificações qualitativas. O montante mínimo de valor de que tem de dispor um possuidor de dinheiro ou mercadorias, para virar capitalista, muda de acordo com os diferentes estágios da produção capitalista e, em determinado estágio de desenvolvimento, difere nos diferentes ramos de produção, segundo as condições técnicas de cada um. Certos ramos de produção já exigem, nas primeiras fases da produção capitalista, um mínimo de capital que não se encontra em mãos de indivíduos isolados. Isso faz surgirem os subsídios oficiais a particulares, como na França, no tempo de Colbert, em muitos estados alemães, até nossa época, e nas sociedades com monopólio legal para explorar determinados ramos industriais e comerciais, as precursoras das modernas sociedades por ações”. (Ibid., p. 355-356)

⁵¹ “Este é tempo de partido, tempo de homens partidos”. (ANDRADE, Carlos Drummond de, op. cit., p. 119)

como ato social. O homem só se efetiva como órgão automático da oficina do capitalista, só se efetiva em sua desefetivação, na produção para a perda. O capitalista compra⁵² forças de trabalho individuais e recebe uma força social. Adianta uma magnitude constante e obtém a expansão de sua propriedade. A qualidade de ser valor que valoriza a si mesmo se fixa à força de trabalho na mesma proporção em que o homem se fixa a uma esfera cada vez mais restrita de sua existência.

No processo de trabalho individual, o homem manipula o instrumento de trabalho. No processo social, é o produto do trabalho que impõe ao trabalhador as suas vontades, o ritmo e a velocidade do trabalho são determinados pela existência social que se interpõe entre o homem e a sua atividade passada. A produtividade social média é a forma com que o gênero fala à espécie. Não é a conservação normal da força de trabalho que determina o limite da jornada de trabalho, mas o maior dispêndio possível da força de trabalho que determina o limite do tempo de descanso do trabalhador. Nas palavras de Marx (2004b), o capital acaba encurtando⁵³ a força de trabalho da mesma forma que o agricultor consegue uma grande produção exaurindo a terra.

O trabalhador coletivo justapõe no espaço as operações sucessivas que o artesão executa ao longo do tempo. As suas muitas mãos armadas com as ferramentas especializadas que lhe correspondem diluem as lacunas do processo de trabalho individual e constituem um contínuo. A regularidade e a fluidez do processo de trabalho social só se afirmam na deformação do trabalhador parcial. Esta relação se evidencia no diagrama em que os conjuntos numéricos são usualmente apresentados⁵⁴. O conjunto mais externo – o conjunto dos números complexos – é, na verdade, o mais simples. A infinitude enumerável dos números naturais só se efetiva na infinitude não-enumerável dos números complexos, na decomposição do intervalo em suas unidades mais simples.

⁵² O ato de venda da força de trabalho é a mistificação desta sociedade. Ao fazer de sua existência social a mediação com o trabalho passado, o homem se torna elemento do capital bem antes de vender a sua força de trabalho.

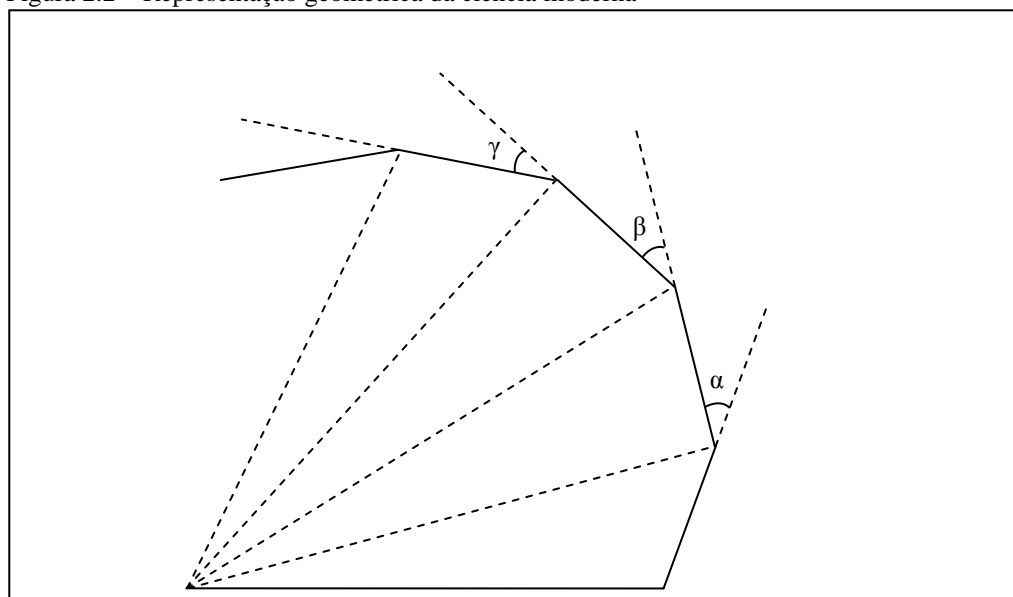
⁵³ A Organização Mundial da Saúde (OMS) prevê a possibilidade de que a atual geração de crianças viva menos que seus pais. Segundo estudo publicado em 2010, das 35 milhões de mortes anuais por doenças não contagiosas, cerca de 40% são mortes prematuras provocadas por infarto, diabetes e asma. A razão pela qual doenças comumente associadas ao envelhecimento acometem cada vez mais jovens e crianças é o desenvolvimento precoce de fatores de risco como a obesidade ou o sobrepeso. A diretora-geral da OMS, Margaret Chan, alerta que, no mundo todo, 43 milhões de crianças em idade pré-escolar são obesas ou apresentam sobrepeso. “As doenças não contagiosas, por muito tempo consideradas companheiras próximas das sociedades ricas, mudaram de lugar. Doenças cardiovasculares, câncer, diabetes, doenças respiratórias crônicas e distúrbios mentais agora impõem o seu alto ônus aos países de renda média e baixa. Doenças antes associadas com abundância agora estão fortemente concentradas em grupos pobres e desfavorecidos”, explica Chan.

⁵⁴ $N \subset Z \subset Q \subset R \subset C$, sendo N o conjunto dos números naturais, Z o conjunto dos números inteiros, Q o conjunto dos números racionais, R o conjunto dos números reais e C o conjunto dos números complexos.

O limite do capital são os limites físicos e biológicos do trabalhador parcial. As muitas mãos do trabalhador coletivo constituem uma base estreita – e, depois de certo ponto, intransponível – que impede a universalização do assalariamento, isto é, a produção da civilidade pela qual o homem é autor de sua própria miséria. Mas qual não seria a surpresa de Darwin se descobrisse que o homem recria a variabilidade das espécies na aplicação da ciência⁵⁵? O indutivismo se vale da transformação do corpo do trabalhador parcial em um órgão automático do trabalhador coletivo para construir a generalidade de suas proposições, traz a regularidade do contínuo que se constitui com o processo de trabalho social para as suas leis. A figura 2.2 traz a representação geométrica da ciência moderna. Cada desvio da reta de sua trajetória original equivale a uma tarefa parcial. Quando $\alpha = \beta = \gamma$, os trabalhadores parciais operam sob um mesmo ritmo. Na medida em que as tarefas parciais são reduzidas a um intervalo de tempo cada vez menor, a ciência obtém o círculo correspondente ao processo de trabalho social.

⁵⁵ “A natureza, se me permitem personificar com este termo a conservação natural ou a perseverança do mais capaz, não se ocupa jamais das aparências, a não ser que a aparência tenha qualquer utilidade para os seres vivos. A natureza pode atuar sobre todos os órgãos interiores, sobre a menor variedade de organização, sobre todo o mecanismo vital. O homem tem apenas um objetivo: escolher para sua própria vantagem; a natureza, pelo contrário, escolhe para a vantagem do próprio ser. Dá pleno desempenho aos caracteres que escolhe, o que implica no fato único da sua seleção. O homem reúne, em um único país, as espécies provenientes de climas diferentes; desenvolve de uma forma especial e conveniente os caracteres que escolheu; dá a mesma nutrição aos pombos de bico longo e aos pombos de bico curto; não adentra de maneira diferente o quadrúpede de patas longas e o de patas curtas; deixa os carneiros de lã comprida e os de lã curta expostos às mesmas condições climáticas. Não permite que os machos mais vigorosos lutem pela posse das fêmeas. Não destrói os indivíduos inferiores; protege, pelo contrário, cada um deles, tanto quanto pode, durante todas as estações. Às vezes começa a seleção escolhendo algumas formas anômalas, ou, pelo menos, prendendo-se a qualquer modificação patente para atrair a sua atenção ou para lhe ser útil de imediato. No estado de natureza, pelo contrário, a menor diferença de conformação ou de constituição basta para fazer pender a balança na luta pela vida e assim perpetuar-se. Os desejos e os esforços do homem são variáveis! Sua vida é tão curta! *Como devem ser imperfeitos os resultados que ele obtém quando os compara àqueles que a natureza pode acumular durante prolongados períodos geológicos* [grifo meu]! Podemos admirar-nos, então, que os caracteres das produções da natureza sejam mais visíveis que os das raças domésticas do homem? O que pode haver de extraordinário no fato de essas criações naturais serem infinitamente mais bem adaptadas às condições de vida e, contudo, trazer a marca de uma obra muito mais completa?” (DARWIN, 2009, p. 84-85)

Figura 2.2 – Representação geométrica da ciência moderna



Fonte: PEDUZZI, 2010, p. 82.

Para a ciência moderna, a variação infinitesimal do tempo faz da singularidade a partir da qual suas leis são erigidas um *não-ser*. Isto é, a espécie corrobora o gênero na medida em que não existe em sua particularidade, mas como forma corpórea da universalidade que lhe escapa. Na indústria moderna, a mediação do homem com sua atividade passada já não depende da habilidade parcial que o trabalhador desenvolve no interior da oficina, da animalidade do adestramento de seus membros e de sua mente à divisão manufatureira do trabalho, mas do domínio da generalidade que se pode obter através da produção de limites⁵⁶, com a qual se garante a flexibilidade aos braços mecânicos do sistema de máquinas. O mundo dos homens é reduzido a uma equação diferencial.

Na indústria moderna, os movimentos absolutos da acumulação de capital determinam os movimentos relativos da força de trabalho explorável. A criação do sistema de turnos múltiplos coincide com o período em que a produção literária passa a se dirigir à multidão⁵⁷. A fábrica pode operar ininterruptamente, pois ela está erigida sobre a razão instrumental e não

⁵⁶ “A tecnologia descobriu as poucas formas fundamentais do movimento, em que se resolve necessariamente toda a ação produtiva do corpo humano, apesar da variante dos instrumentos empregados, do mesmo modo que a mecânica nos faz ver, através da grande complicação da maquinaria, a contínua repetição das potências mecânicas simples”. (MARX, 2004b, p. 551)

⁵⁷ Talvez os operadores da bolsa de valores nunca tenham lido Victor Hugo, mas bem sabem que enquanto dormem o capital continua se multiplicando no outro lado do mundo. O desenvolvimento de programas que pudessem operar durante o seu sono e que fossem capazes de lidar com a complexidade crescente das transações financeiras redundou na maior desvalorização intradiária das ações na bolsa de Nova Iorque em maio de 2010. O evento ficou conhecido como *flash crash*. Uma falha em um algoritmo provocou uma ordem de venda de 75 mil contratos futuros, estimados em US\$ 4,1 bilhões, em apenas 20 minutos.

sobre uma rotina ensinada pela experiência. A massa⁵⁸ informe de homens que se sucede no controle das operações do sistema de máquinas conhece uma igualdade inaudita. A indústria moderna é indiferente ao sexo e à idade do trabalhador. Ao contrário da manufatura, a indústria moderna produz a indiferença, pois as mais diversas formas que a maquinaria produz se resolvem no domínio do caráter genérico decorrente do cálculo infinitesimal. Essa indiferença faz Engels suspeitar que a única relação que resta entre os homens é o acordo tácito de que cada um conserve o seu lado da calçada para não conter as correntes de multidão⁵⁹.

Que a mediação do homem com o passado dependa cada vez mais da aplicação da ciência significa que a parte constante do capital se amplia em proporção superior à parte variável. O movimento de elevação da composição orgânica faz da procura e da oferta de trabalho variáveis dependentes do capital. Completa-se, assim, a construção de um mundo que se ergue sobre si mesmo. Mas quanto menos a produção social depende do trabalho imediato do trabalhador, tanto mais o tempo de trabalho se coloca como única medida da riqueza⁶⁰. As máquinas que produzem máquinas emancipam o homem dos limites do seu corpo, mas não o emancipam do passado. Pelo contrário, fixam-no de forma plena a ele. A indústria moderna não elimina o assalariamento, mas universaliza-o, pois as mesmas causas que fazem o capitalista elevar a produtividade social do trabalho aceleram o processo de acumulação de capital⁶¹. Significa dizer que a supressão da fonte de valorização do valor é compatível com

⁵⁸ Em sua primeira viagem à Paris, Hegel obtém a constatação irresistível de que a sua individualidade alemã é imanente à gênese do homem pelo homem. “Quando ando pelas ruas, as pessoas se parecem com as de Berlim – todas vestidas igual, os rostos mais ou menos os mesmos –, a mesma cena, porém numa massa populosa”. (HEGEL apud BENJAMIN, 1989, p. 115).

⁵⁹ “Uma cidade como Londres, onde se pode vagar horas a fio sem se chegar sequer ao início do fim, sem se encontrar com o mais ínfimo sinal que permita inferir a proximidade do campo, é algo realmente singular. Essa concentração colossal, esse amontoado de dois milhões e meio de seres humanos num único ponto, centuplicou a força desses dois milhões e meio... Mas os sacrifícios... que isso custou só mais tarde se descobre. Quando se vagou alguns dias pelas calçadas das ruas principais... só então se percebe que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua humanidade para realizar todos os prodígios da civilização, com que fervilha sua cidade; que centenas de forças, neles adormecidas, permaneceram inativas, e foram reprimidas... O próprio tumulto das ruas tem algo de repugnante, algo que revolta a natureza humana. Essas centenas de milhares de todas as classes e posições, que se empurram umas às outras, não são todos seres humanos com as mesmas qualidade e aptidões, e com o mesmo interesse em serem felizes?... E no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avultam tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais estes indivíduos se comprimem num exíguo espaço”. (ENGELS apud BENJAMIN, op. cit., p. 114-115)

⁶⁰ “O relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre”. (ASSIS, op. cit., p. 85)

⁶¹ “Mostramos que as mesmas causas que fazem a taxa geral de lucro tender para a baixa determinam acumulação acelerada do capital e, portanto, aumento da magnitude absoluta ou da totalidade do trabalho

um aumento do número de trabalhadores que o capital emprega e da massa absoluta de trabalho excedente que suga, desde que o capital adiantado se expanda em proporção superior à elevação da composição orgânica. A degeneração da relação capitalista só existe como potência. Ou – para que não se duvide dos efeitos reais deste movimento – como potência *existe*.

Quando a aplicação da ciência se torna o fundamento da produção social, Marx (1978) afirma que já não é mais o tempo de trabalho necessário a medida da riqueza, mas o tempo disponível⁶². “El robo de tiempo de trabajo ajeno, sobre el que descansa la riqueza actual, se presenta como una base miserable frente a esta base recién desarrollada, creada por la misma gran industria”⁶³. Significa dizer que o homem está separado de sua condição de trabalhador, mas só pode se reproduzir como homem ao produzir para si o limite na relação com o produto do trabalho passado. Esta contradição se explicita na evolução do sistema de ensino. A formação de um indivíduo deixa de ser um processo de adestramento de mãos e mentes ao exercício de uma função específica para se transformar no triunfo da mobilidade sobre a imobilidade. A educação passa a se desenvolver sobre bases que garantem maior adaptabilidade ao homem. Nas palavras de Richta (1972), a indústria moderna vem a ser a maior revolução cultural da história, pois o aperfeiçoamento das capacidades humanas deixa de ser um aspecto marginal da produção da vida, para tornar-se seu próprio fundamento.

Não é tarefa da educação moderna fornecer ao indivíduo um sistema de noções pré-fabricadas, mas dar-lhe a base e os métodos necessários à sua autocriação durante toda a vida, preparando-o principalmente para o momento em que seu professor não estiver mais em condições de dar-lhe assistência. A escola do futuro deve transformar o *objeto* da educação em *sujeito* da educação, o ser que “recebe” a educação num ser que se educa por si mesmo, a educação na auto-educação⁶⁴.

Richta (1972) afirma que a rapidez com que a obsolescência se difunde por todas as esferas da vida humana faz com que o destino de um homem já não esteja preestabelecido pelo mundo em que nasceu. Isso significa que a finalidade da educação não deve ser formar

excedente (mais-valia, lucro) de que ele se apropria. Tudo na concorrência e, por conseguinte, na consciência de seus agentes se configura invertido, e o mesmo se dá com esta lei, com esta conexão interna e necessária que existe entre duas coisas que na aparência são contraditórias”. (MARX, 2008a, p. 296)

⁶² “Entonces ya no es en modo alguno el tiempo de trabajo, sino el tiempo disponible la medida de la riqueza. *El tiempo de trabajo como medida de la riqueza* fundamenta la riqueza sobre la pobreza, y pone al tiempo disponible como tiempo que existe *en y a través de la antítesis con el tiempo de plustrabajo*, o lo que es igual, supone la posición de todo el tiempo de un individuo como el tiempo de trabajo e como degradación de este individuo a mero trabajador, subsumido bajo el trabajo. *La maquinaria más desarrollada obliga ahora, por lo tanto, al trabajador a trabajar más tiempo de lo que hace el salvaje, o de lo que trabajaba él mismo con los instrumentos más simples y toscos*”. (Idem, 1978, p. 94)

⁶³ Ibid., p. 91.

⁶⁴ RICHTA, 1972, p. 142-143.

um certo tipo de pessoa, mas fazer com que a pessoa seja capaz de formar a si mesma. A maneira como a sala de aula de Richta extrapola o próprio ato criativo do capital ganha corporalidade nas proposições da mecânica quântica. Poincaré (1985) anuncia o revés: a compreensão dos fenômenos físicos exige que se substituam as equações diferenciais pela estatística. Isto é, já não é um fim determinado que imprime as suas necessidades no presente. Ao conceber a realidade enquanto atividade, a mecânica quântica constrói a positividade da capacidade de automontagem. Já não se trata, pois, de estabelecer qual é a qualidade do tempo que se torna o fundamento da produção de riqueza, mas de compreender a completa ruína do tempo em si como medida da generalidade humana.

Não obstante, o trabalho de Born, Kramers e Slater continha o conceito decisivo de que as leis da natureza determinam não a ocorrência de um evento, mas a probabilidade de um evento verificar-se, e que a probabilidade deve estar ligada a um campo de onda que obedeça a uma equação de onda matematicamente formulável. Tratava-se de um passo decisivo para além da física clássica; basicamente usou-se um conceito que desempenhou um papel importante na filosofia de Aristóteles. As ondas probabilísticas de Born, Kramers e Slater podem ser interpretadas como uma formulação quantitativa do conceito de *dynamis*, possibilidade, ou na versão latina posterior, *potentia*, na filosofia de Aristóteles. A concepção de que os eventos não estão determinados de modo peremptório, mas que a possibilidade ou a “tendência” para que um evento ocorra apresenta uma espécie de realidade – uma certa camada intermediária de realidade, meio caminho entre a realidade maciça da matéria e a realidade intelectual da idéia ou a imagem – este conceito desempenha um papel decisivo na filosofia aristotélica. Na teoria quântica moderna, tal conceito assume nova forma; é formulado quantitativamente como probabilidade e sujeito a leis da natureza que são expressas matematicamente. As leis da natureza formuladas em termos matemáticos não mais determinam os próprios fenômenos, mas a possibilidade de ocorrência, a probabilidade de que algo ocorrerá⁶⁵.

Ao objetivar seu gênero fora de si, o homem expande seu mundo possível, mas a única possibilidade de mundo que conhece é a produção para a perda. Brecht (1978) fala que o teatro reproduz o avanço técnico da sociedade na medida em que se vale de artifícios que distanciam os acontecimentos do espectador. Em tudo que o ator mostra ao público deve estar nítido o ato de mostrar. “O ator não encena outros seres, encena outros *modos* de ser”, diz Nodari (2010). Brecht explica que o ator não deve se metamorfosear na personagem representada, mas encontrar uma expressão exterior que evidencie suas características. Os gestos cumprem essa função. Quando a própria representação se emancipa do ator, o conteúdo representado perde o caráter místico e natural que assume no teatro clássico. A técnica de distanciamento mostra um mundo suscetível de ser mudado.

⁶⁵ HEISENBERG apud BORN et al, op. cit., p. 16.

O teatro, tal como nos é dado ver atualmente, apresenta a estrutura da sociedade (reproduzida no palco) como algo que não pode ser modificado pela sociedade (na sala). Édipo, que pecou contra alguns dos princípios que sustentam a sociedade de sua época, é executado, os deuses tomam a si esta tarefa, e eles não são criticáveis. As grandes personagens solitárias de Shakespeare, que trazem no peito a estrela do seu destino, arrojam-se em seus vãos e mortais frenesim suicidas, e liquidam-se a si próprias; é a vida, e não a morte, que se torna obscena, quando de suas derrocadas; a catástrofe não é suscetível de ser criticada. Sacrifícios humanos por toda a parte. Bárbaros divertimentos! Ora, se os bárbaros tem uma arte, façamos nós uma outra!⁶⁶

⁶⁶ BRECHT, 1978, p. 112-113.

3 O INFINITO

3.1 A ANTROPOFAGIA

Enquanto a ocupação da porção norte do continente americano se deu a partir da expulsão dos índios Pacífico adentro, os portugueses ocuparam o território ao sul multiplicando o seu sêmen no ventre das índias. Tanto no apartheid do norte quanto no assimilacionismo do sul, a diferença foi suprimida. Contudo, a mestiçagem étnica guarda uma peculiaridade em relação ao separatismo: não é no passado que encontra o seu fundamento. Afirma-se na supressão de suas matrizes constituintes. A identidade do brasileiro é ser ninguém. Em sua *ninguendade*, são uma gente só.

Darcy Ribeiro (2006) explica que as aldeias indígenas que o português encontrou no litoral brasileiro constituíam conglomerados pré-urbanos, pois todos os seus membros estavam subsumidos à produção de alimentos, à exceção de alguns líderes religiosos e alguns poucos guerreiros. O processo civilizatório – transcendência da expansão por diferenciação – contrapõe humanidades heterogêneas, antes de mais nada, através do seu sistema imunológico. O invasor traz consigo o desenvolvimento multissecular de anticorpos que se impõe sobre os corpos indenes dos silvícolas. A primeira forma de intercâmbio é a transmissão de doenças. A segunda é o cunhadismo, velho costume indígena de incorporar estranhos à sua comunidade. Essa prática servia ao adventício como uma forma de recrutamento de mão-de-obra. Não apenas colocava uma multidão de parentes a seu serviço como gestava uma nova gente da qual podia dispor. Darcy Ribeiro (2006) assinala que o cunhadismo fez surgir o povo mestiço que ocupou o Brasil.

O mameluco não se reconhece em seus ancestrais. A índia o expulsou da tribo. O português o caçou no mato. A dupla rejeição⁶⁷ foi responsável pela adaptabilidade daquela gente recém-formada. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda (1986), eram como couro, cedendo, dobrando-se e amoldando-se às circunstâncias. Recrutados pelos bandeirantes,

⁶⁷ “Os brasilíndios ou mamelucos paulistas foram vítimas de duas rejeições drásticas. A dois pais, com quem queriam identificar-se, mas que os viam como impuros filhos da terra, aproveitavam bem o seu trabalho enquanto meninos e rapazes e, depois, os integravam a suas bandeiras, onde muitos deles fizeram carreira. A segunda rejeição era a do gentio materno. Na concepção dos índios, a mulher é um simples saco em que o macho deposita sua semente. Quem nasce é o filho do pai, e não da mãe, assim visto pelos índios. Não podendo identificar-se com uns nem com outros de seus ancestrais, que o rejeitavam, o mameluco caía numa terra de ninguém, a partir da qual constrói a sua identidade de brasileiro”. (RIBEIRO, 2006, p. 97)

tornavam-se eles mesmos caçadores do seu gentio materno⁶⁸. Sérgio Buarque de Holanda argumenta que não foi a cobiça pelo ouro nem o propósito de ampliar deliberadamente a área de ocupação lusitana que lançou os bandeirantes mata adentro, mas a caça ao “negro” da terra. Buscavam braços que pudessem produzir os gêneros necessários à sua subsistência e que se renovassem à medida que fossem sendo desgastados. No entanto, o adventício não suportaria as hostilidades geográficas do território não fosse pela adaptação dos mamelucos à bruteza dos trópicos e pela herança do saber milenar acumulado pelos índios.

A capacidade de longa resistência à fome, à sede, ao cansaço; o senso topográfico levado a extremos; a familiaridade que se diria ingênita com a natureza agreste, mormente com seus produtos comestíveis ou medicinais, são algumas das imposições feitas ao caminhante por essas veredas. Nelas o sertanista aprende a abandonar frequentemente o uso do calçado; a marchar continuamente em fila, um atrás do outro; a marcar o trajeto quebrando galhos ou golpeando troncos para não se perder na volta; a valer-se do fogo e da fumaça para dar avisos a distância, a tirar, em suma, o proveito melhor de tudo quanto dê sustento à vida humana em sítios tão alheios a uma sociedade conversável⁶⁹.

As missões jesuíticas completam a conversão do índio em bem semovente. Sob o afã de incluí-los entre os degradados filhos de Eva, os padres retiravam os silvícolas das aldeias e os concentravam nas reduções, onde aprendiam a servir ao outro e não a si mesmos. Os missionários cumpriam, assim, a tarefa de recriar em terras brasileiras o gênero humano. Oswald de Andrade (1990a) diz que a catequese do padre Antônio Vieira foi o primeiro empréstimo do Brasil. Despojada de seu corpo e de sua alma, a indiada⁷⁰ está reduzida a ser gente disponível para as guerras aos índios hostis, ao invasor estrangeiro e aos negros alçados, explica Darcy Ribeiro (2006). Na medida em que iam sendo gastos na produção para a sua própria perda, iam sendo radicalmente *deculturados*.

O continente negro introduzido no país acabou consolidando a *ninguendade* étnica do mestiço. A diversidade lingüística e cultural dos africanos aliada à política deliberada de evitar a concentração de membros de uma mesma etnia impediram a formação de núcleos que retivessem o seu patrimônio cultural. Somente a cor e a condição servil os identificavam entre si. O destino de ser gente que não existe para si, mas para os desígnios alheios, desapropria o

⁶⁸ Darcy Ribeiro (2006) explica que os brasilíndios foram chamados de mamelucos pelos jesuítas espanhóis em razão do castigo que impingiam à sua ascendência materna. “O termo originalmente se referia a uma casta de escravos que os árabes tomavam de seus pais para criar e adestrar em suas casas-criatórios, onde desenvolviam o talento que acaso tivessem. Seriam *janízaros*, se promettessem fazer-se ágeis cavaleiros de guerra, ou *xipaios*, se covardes e servissem melhor para policiais e espiões. Castrados, serviriam como *eunucos* nos haréns, se não tivessem outro mérito. Mas podiam alcançar a alta condição de *mamelucos* se revelassem talento para exercer o mando e a suserania islâmica sobre a gente de que foram tirados”. (Ibid., p. 96)

⁶⁹ HOLANDA, 1986, p. 30.

⁷⁰ O termo pejorativo é empregado de forma proposital para explicitar o propósito do adventício.

negro de sua própria origem. Desafrikanizados, os escravos auxiliaram a disseminar a língua portuguesa com que os capatazes lhes gritavam, diz Darcy Ribeiro (2006). Mas não só. Em sua *ninguendade*, ou eram brasileiros ou não eram nada. A cor escura que o negro cede ao povo mestiço que se constituía em terras brasileiras explicita a diferença da gente recém-formada em relação às suas matrizes constituintes. A riqueza de humanidades do mestiço se afirma na medida em que ele deixa de se identificar com o seu passado.

Neste sentido, o Brasil é a realização derradeira e penosa dessas gentes tupis, chegadas à costa atlântica um ou dois séculos antes dos portugueses, e que, desfeitas e transfiguradas, vieram dar no que somos: uns latinos tardios de além-mar, amorenados na fusão com brancos e com pretos, deculturados das tradições de suas matrizes ancestrais, mas carregando sobrevivências delas que ajudam a nos contrastar tanto com os lusitanos⁷¹.

Caio Prado Júnior (1997) identifica no processo de recrutamento de índios e negros apenas a produção da animalidade do homem, vê no empenho de corpos para a constituição da escravidão moderna apenas uma contribuição passiva. “Nada mais se queria dele, e nada mais se pediu e obteve que a sua força bruta, material”, diz Caio Prado. “Esforço muscular primário, sob a direção e açoite do feitor. Da mulher, mais a passividade da fêmea na cópula. Num e noutro caso, o ato físico apenas, com exclusão de qualquer outro elemento ou concurso moral. A ‘animalidade’ do Homem, não sua ‘humanidade’”⁷². No entanto, o que a ocupação portuguesa produz é uma gente mestiça que constrói a sua identidade ao ser gasta como bem semovente. O povo brasileiro não é um amálgama de gente *deculturada*, mas a identidade construída no processo de *deculturação*.

O moinho antropofágico pela qual a força de trabalho se constitui como universalidade existente produz a diferenciação entre valor e preço. O valor diz respeito à totalidade do trabalho contido na mercadoria, pago e não-pago. Já o preço de produção se refere à soma de trabalho pago acrescido de determinada quantidade de trabalho não-pago segundo cada ramo de produção e independente dele. Marx (2008a) explica que a dificuldade consiste em compreender que as mercadorias se trocam como produtos de capitais que exigem, na proporção da respectiva magnitude, participação igual na totalidade da mais-valia global produzida. Se na figura do lucro a mais-valia parece se originar de maneira uniforme dos diversos elementos do capital adiantado, completa e ossifica essa mistificação o fato de que o lucro médio acrescido ao preço de custo de cada ramo particular de produção não é

⁷¹ RIBEIRO, op. cit., p. 117.

⁷² PRADO JÚNIOR, 1997, p. 272.

determinado pelos limites da formação de valor nele ocorrida. A mais-valia que os capitalistas dos diferentes ramos colhem é a que cabe a cada parte alíquota do capital global a partir da mais-valia global produzida em todos os ramos⁷³, conforme mostra a tabela 3.1.

Tabela 3.1 – Diferenciação entre valor e preço de produção

Capitais	Mais-valia	Taxa de lucro no setor	Valor	Preço de Produção	Taxa média de lucro	Desvio do preço em relação ao valor
I. $80_c + 20_v$	20	20%	120	122	22%	+ 2
II. $70_c + 30_v$	30	30%	130	122	22%	- 8
III. $60_c + 40_v$	40	40%	140	122	22%	- 18
IV. $85_c + 15_v$	15	15%	115	122	22%	+ 7
V. $95_c + 5_v$	5	5%	105	122	22%	+ 17

Fonte: MARX, 2008a, p. 209-210.

Com a produção do si-mesmo, a reprodução dos capitais individuais não depende mais dos limites da formação de valor no ramo. A concorrência mundial reparte o capital da sociedade entre os diferentes ramos de produção, de modo que os capitais individuais se apropriem de uma porção de mais-valia correspondente àquela produzida e apropriada pelos capitais de composição média. Marx (2008a) alerta que o capital não cria mais-valia pela simples razão de ter sido despendido, pois ainda que todo capital entre materialmente no processo efetivo de trabalho, apenas parte dele entra no processo de valorização. Mas quando a taxa de lucro que o capitalista obtém é dada pela produtividade social média do capital global, o processo de valorização aparece como algo externo à própria produção.

O capitalista individual, ou o conjunto dos capitalistas em cada ramo particular, com horizonte limitado, tem razão em acreditar que seu lucro não deriva do trabalho empregado por ele ou em todo ramo. Isto é absolutamente exato com referência a seu lucro médio. Até que ponto esse lucro se deve à exploração global do trabalho por todo o capital, isto é, por todos os confrades capitalistas, é uma conexão para ele submergida em total mistério, tanto mais quanto os teóricos da burguesia, os economistas políticos, até hoje não a desvendaram. Poupança de trabalho – não só do trabalho necessário para fabricar determinado produto, mas também do número dos trabalhadores ocupados – e aplicação maior de trabalho morto (capital constante) revela-se operação absolutamente certa do ponto de vista econômico e parece *a priori* não influenciar de maneira nenhuma a taxa geral de lucro e o lucro

⁷³ “Os capitalistas dos diferentes ramos, ao venderem as mercadorias, recobram os valores de capital consumidos para produzi-las, mas a mais-valia (ou lucro) que colhem não é a gerada no próprio ramo com a respectiva produção de mercadorias, e sim a que cabe a cada parte alíquota do capital global, numa repartição uniforme da mais-valia (ou lucro) global produzida, em dado espaço de tempo, pelo capital global da sociedade em todos os ramos. Cada 100 de capital adiantado, qualquer que seja a composição, recolhe, todo ano ou noutro espaço de tempo, o lucro que corresponde, nesse período, a cada 100, como simples fração do capital global. Aqui, do ponto de vista do lucro, os capitalista são vistos como simples acionistas de uma sociedade anônima em que os dividendos se repartem segundo percentagem uniforme, só se distinguindo os dividendos correspondentes a cada capitalista pela magnitude do capital que cada um colocou no empreendimento comum, pela participação percentual que tem na empresa, pelo número de ações que possui”. (MARX, 2008a, p. 211-212)

médio. Como poderia então o trabalho vivo ser fonte exclusiva do lucro, se o decréscimo da quantidade de trabalho necessária para a produção parece não prejudicar o lucro, revelando-se antes, em certas circunstâncias, fonte direta de aumento do lucro, pelo menos para o capitalista individual?⁷⁴

A produção capitalista cria, a um só tempo, o antígeno e o anticorpo. O decréscimo relativo do capital variável em relação ao capital constante faz com que a mais-valia global produzida se expresse em uma taxa de lucro cadente. Significa dizer que uma massa cada vez maior de capital torna-se necessária para por em movimento a mesma quantidade de força de trabalho e para extrair a mesma quantidade de trabalho excedente. Ora, se o capital global cresce em uma proporção superior ao aumento da produtividade social média – e “isto é mais que uma *possibilidade*, é uma *necessidade*”⁷⁵ –, o movimento de queda da taxa de lucro só existe como tendência. Em sua reprodução antropofágica, o capital global produz trabalho excedente em ritmo crescente, ainda que decresça de forma relativa a fonte de sua valorização.

Com o aumento da magnitude mínima de capital necessária para o emprego produtivo do trabalho, a massa dos pequenos capitais incapazes de uma ação autônoma fica à disposição do grande capital sob a forma de crédito⁷⁶. Esse conjunto de capitais cuja magnitude não compensa a queda na taxa de lucro corresponde à superprodução relativa de capital. Há superprodução absoluta de capital quando a totalidade do capital não consegue crescer na magnitude necessária para compensar a queda na taxa de lucro. A superprodução de capital implica que uma parte do capital seja posta em ociosidade ou mesmo parcialmente destruída até o montante de todo o capital adicional que já não consegue mais empregar-se lucrativamente. A repartição dessas perdas não se faz de maneira uniforme, é na luta da concorrência que o capital excedente tem de se destruir.

Enquanto tudo vai bem, gera a concorrência, conforme se patenteou no caso do nivelamento da taxa geral de lucro, a irmandade prática da classe capitalista, que então reparte entre os membros, na proporção da magnitude da cota empregada por cada um, o esbulho coletivamente efetuado. Mas, quando não se trata mais de repartir os lucros e sim as perdas, procura cada um reduzir ao máximo possível a

⁷⁴ Ibid., p. 224.

⁷⁵ Ibid., p. 289.

⁷⁶ “A massa dos pequenos capitais é assim empurrada para as peripécias da especulação, das manobras fraudulentas com crédito e ações, das crises. A chamada plethora de capital é sempre e essencialmente a de capitais cujo montante não compensa a queda da taxa de lucro – e assim vão constantemente se formando os novos viveiros de capital – ou a plethora que, sob a forma de crédito, põe esses capitais, incapazes de ação autônoma, à disposição dos condutores dos grandes negócios. Essa plethora de capitais nasce das mesmas circunstâncias que provocam superpopulação relativa, sendo, portanto, fenômeno que a completa, embora ambas estejam em pólos opostos, de um lado capital desempregado e, de outro, população trabalhadora desempregada”. (Ibid., p. 329-330)

parte que tem nelas, transferindo-a para outros. As perdas são inevitáveis para a classe. Quanto cada um terá de suportar delas, até onde terá de nelas participar, é problema a ser resolvido pela força e pela astúcia, transformando-se a concorrência em luta entre os irmãos inimigos. Positiva-se então a contradição entre o interesse de cada capitalista e o da classe capitalista, do mesmo modo que antes, por meio da concorrência, se impunha a identidade desses interesses⁷⁷.

O capital necessita transbordar os limites que ele mesmo cria para si⁷⁸. Não basta romper a lentidão com que se expandem os mercados, é preciso ampliar toda forma de saque sobre o futuro que lhe permita crescer numa proporção superior à elevação da composição orgânica⁷⁹. Keynes (1985) sabia que as forças que derrubam a atividade econômica não encontram sua inflexão na simples redução da taxa de juros. Se assim o fosse, a recuperação de um ciclo econômico poderia ser obtida de forma mais rápida e por meios que estão relativamente sob as ventas da autoridade monetária. Keynes alertava que o retorno esperado dos bens de capital pode se reduzir a tal ponto que se torne impossível estimular novos investimentos a partir de uma redução exequível na taxa de juros. A armadilha da liquidez é a superprodução absoluta de capital.

A diferenciação qualitativa da mais-valia global em juro e lucro é a expressão da queda tendencial da taxa de lucro. Quanto mais o intercâmbio entre os homens depende da aplicação da ciência, tanto mais a forma autônoma da mais-valia posta no juro se faz condição para a reprodução sociedade capitalista. Keynes (1985) se enamora com a forma antinômica das duas partes em que se divide a mais-valia global e dá a receita: o caráter pernicioso do ciclo econômico poderia ser abolido pela manutenção de um quasi-boom permanente através da administração da taxa de juros. O fetiche do capital⁸⁰ é serem os limites de nosso tempo puramente quantitativos. No entanto, a astúcia de Keynes foi ter compreendido que a existência da queda da taxa de lucro como tendência significa que o capital está sempre à beira do abismo, mas as políticas econômicas podem criar uma série de ficções capazes de fazer com que o abismo seja um lugar seguro. Cabe ao Estado produzir as condições para que

⁷⁷ Ibid., p. 332.

⁷⁸ “A barreira efetiva da produção capitalista é o próprio capital: o capital e sua auto-expansão se patenteiam ponto de partida e meta, móvel e fim da produção; a produção existe para o capital; ao invés de os meios de produção serem apenas meios de acelerar continuamente o desenvolvimento do processo vital para a sociedade dos produtores”. (Ibid., p. 328-329)

⁷⁹ “Quanto maior a facilidade com que se obtêm adiantamentos sobre mercadorias não vendidas, tanto mais se tomam esses adiantamentos e maior a tentação de fabricar mercadorias ou lançar mercadorias já fabricadas em mercados distantes, com o objetivo único de conseguir adiantamentos de dinheiro. A história comercial da Inglaterra de 1845 a 1847 ilustra de maneira contundente como todo o mundo de negócios de um país pode envolver-se nesse gênero de especulação, e a que leva esse embuste”. (Idem, 2008b, p. 540) Além do crédito, a flexibilização da legislação trabalhista e ambiental cumpre papel significativo na antropofagia do capital.

⁸⁰ No juro a relação social reduz-se a forma vazia da relação da coisa consigo mesma, dinheiro que gera mais dinheiro, valor que se valoriza a si mesmo, sem peias nem intermediários.

a acumulação de capital siga crescendo num ritmo superior à diminuição relativa do capital variável, de modo que a derrocada da relação capitalista exista apenas como latência. Lévi-Strauss (2004) explica que a natureza acústica dos rituais que as tribos realizam durante períodos de seca está a meio caminho do barulho contra o *mundo podre* e do silêncio diante do fogo de cozinha. O coro dos economistas diante da crise se assemelha ao rito para evitar o *mundo queimado*.

Na medida em que o movimento de expansão do capital global numa proporção superior à sua própria degeneração vai arrasando os provincianismos e as tradições seculares, o ser universal que se molda já não encontra suas razões no passado. Caio Prado Júnior (2008) argumenta que a história brasileira se faz sob o peso de forças externas, que a vida de seu povo é organizada a partir de uma determinidade que está além-mar, desde a distribuição do povoamento pelo território até a organização da propriedade e do trabalho⁸¹. O que escapa à tentativa de dar um sentido ao Brasil é que o movimento antropofágico que faz com que a queda na taxa de lucro só exista como tendência não é devoração, mas criação de corpos.

Durante o período de dominação espanhola (1580-1640), a marinha portuguesa sofreu um grande desgaste, tornando economicamente inviável a manutenção das possessões no Oriente. Para conservar seu poder imperial, Portugal se voltou para a sua colônia americana. Caio Prado Junior (2008) explica que o peso parasitário da metrópole se fez sentir pelas restrições à produção de qualquer gênero que não a interessasse diretamente ou que lhe fizesse concorrência. Com a descoberta de metais preciosos no interior da colônia, Portugal não tardou a exigir que lhe fosse destinada a quinta parte de todo ouro extraído em terras brasileiras. Para diminuir as fraudes, a coroa fixou uma quota mínima que o chamado “quinto” deveria atingir. Quando o quinto não alcançava a meta, a metrópole realizava o derrame, isto é, a população era obrigada a completar a soma. Na medida em que ia se aprofundando a decadência da atividade mineradora, esta prática foi se tornando cada vez mais abusiva, de modo que, conta-nos Caio Prado,

da última vez que se projetou um derrame, ele teve de ser suspenso na última hora, pois chegaram ao conhecimento das autoridades notícias positivas de um levante

⁸¹ As zonas tropicais que ocupam a maior parte do território da colônia seriam destinadas à produção de gêneros escassos nas zonas temperadas de onde provinham os colonizadores, enquanto as zonas temperadas da colônia receberiam a população que a reprodução do capital industrial tornou supérflua no velho continente. Essa segmentação climática impõe formas distintas de organização da vida na colônia: acima do trópico predomina a grande propriedade e regime de trabalho compulsório, enquanto abaixo do trópico prevalece a pequena propriedade cultivada pelo próprio proprietário e sua família.

geral em Minas Gerais, marcado para o momento em que fosse iniciada a cobrança (conspiração de Tiradentes)⁸².

Ao formular a gravitação universal, Newton argumenta que todo corpo continua em seu estado de repouso ou de movimento linear uniforme a menos que seja compelido a alterar o estado em que se encontra por uma força resultante externa. Se os planetas são desviados de linhas retas tangentes às suas órbitas, é lícito pensar que estejam sujeitos a uma força atrativa. Quando o intervalo de tempo entre os impulsos que retiram o corpo da inércia tende a zero, a força de atração atua continuamente e a trajetória que o corpo percorre se torna uma curva. Para Caio Prado, a mudança de trajetória que o parasitismo da metrópole provoca na história brasileira – o povoamento do interior e o alargamento das fronteiras, o desenvolvimento de um sistema de viação interna que articulava o interior e o litoral, a coesão entre os núcleos de povoamento⁸³ – apenas evidencia os traços da força que subjuga o país. Com a abertura dos portos, em 1808, o Brasil deixa de se submeter ao império colonial português para se submeter ao império da concorrência mundial, diz Caio Prado Junior (2008). A independência política aparece como uma fria relação de desconto.

O acordo de Bretton Woods fez do déficit no balanço de pagamentos norte-americano a corporalidade da expansão antropofágica do capital. A produção capitalista faz da história dos homens história mundial, mas recria a oposição entre os países através da exportação de superprodução de capital e de crise, para chamar a tensão inflacionária que a “economia do endividamento” trazia consigo pelo seu nome adequado. Através de empréstimos ou investimentos diretos, os EUA inauguram um novo tipo de guerra cujas perdas aparecem na deterioração das contas públicas. O resultado é que a incapacidade do capital global de se reproduzir ampliadamente aparece como incapacidade do Estado em estabelecer a dinâmica do crescimento econômico. A década de 1980 foi a guerra de independência que o Brasil não teve. O Plano Real é o Tratado de Versalhes que os vitoriosos impuseram aos derrotados.

O abandono do padrão-ouro impulsionou o desenvolvimento de um mercado secundário para os títulos de dívida. O processo de reconstrução das economias destruídas pela segunda guerra mundial e o combate ao avanço do domínio soviético resultaram na intensificação da concorrência mundial, de modo que a plethora de capitais lançada aos infortúnios da especulação é o próprio capital global crescendo em um ritmo superior à

⁸² PRADO JÚNIOR, 2008, p. 59.

⁸³ “O Rio de Janeiro nasce e cresce como o porto das minas. O Rio Grande do Sul e até a Argentina, provedores de mulas, se atam a Minas, bem como o patronato e boa parte da escravaria do Nordeste. Tudo isso fez de Minas o nó que atou o Brasil e fez dele uma coisa só”. (RIBEIRO, op. cit., p. 138)

elevação da composição orgânica. A criação dos derivativos é o capital se alimentado de suas próprias entranhas⁸⁴, arrebanhando um número crescente de braços para suprir a desnecessidade histórica deles. Com a liberalização dos mercados cambiais, o diferencial da taxa de juros internacional torna-se a força ao redor da qual os países gravitam. Cabe-lhes incorporar o moinho antropofágico do capital. Em silêncio.

No prefácio d'*O Capital*, Marx adverte os leitores alemães que faziam pouco caso da situação dos trabalhadores ingleses que a constituição do processo social de trabalho *de se fabula narratur*⁸⁵. A divisão do trabalho no interior da oficina produz a força de trabalho como universalidade existente, o fundamento das coisas é, na relação capitalista, a fundação construída⁸⁶. Na produção da imanência das coisas, tempo e espaço revelam a relação univitelínica que os une. A expansão por diferenciação que reveste o homem com o manto da civilidade se resolve na homogeneização resultante do processo civilizatório. A repetição é a patologia de um mundo que se ergue sobre si mesmo. No entanto, o “saber ressequido” que põe em movimento o sistema de máquinas não é algo verdadeiro e acabado em si.

En el pasado, y aún en nuestra época, se ha afirmado que la naturaleza intrínseca de la ciencia consiste en ser un sistema autónomo completamente aislado del universo social. Se cree que se trata de un saber intrínseco y absoluto, una aproximación absoluta a una verdad también absoluta, que debe conseguirse por un método seguro y que debe protegerse de cualquier otro modo de ver las cosas. La historia de la ciencia está llena de ejemplos que muestran que la adopción de esta actitud ha sido un medio seguro de contener la ciencia, a menudo dándole la apariencia de una grand profundidad y generalidad. El ejemplo supremo lo constituye la síntesis aristotélico-averroísta-tomista, que fue la idea dominante en el mundo perfecto de la noción y el método de la ciencia desde el siglo IV antes de Cristo hasta el siglo XVII de nuestra era. Durante más de dos mil años este modelo mantuvo congelado el pensamiento, para cuya liberación fue necesario que se produjera un violento cambio en la escena política y económica. Lo que tal vez no hayamos visto aún es que nosotros mismos vivimos en un estadio de transformación científica como consecuencia de una transformación mucho más fundamental en la sociedad. Tanto en ésta como en la ciencia los esfuerzos por tratar de salvar las cosas mediante parches, refuerzos y adiciones a las viejas formas son igualmente inútiles. Tenemos que repensar nuevamente, a la luz de la experiencia y de la discusión, las mismas bases de la propia ciencia⁸⁷.

Marx (2004a) explica que a “humanidade dos sentidos” só se confirma na existência de *seu* objeto. “A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até

⁸⁴ “Sempre dentro de mim meu inimigo”. (ANDRADE, Carlos Drummond, op. cit., p. 43)

⁸⁵ Do latim: a história é a seu respeito.

⁸⁶ “A origem, longe de ser uma plenitude, está associada àquilo que dela emerge, mas não no sentido linear de uma causa e um efeito, mas de uma ruptura ou hiato, isto é, de um vazio. A origem não é um fundamento: é uma fundação construída, *de jure* e não *de facto*, funcionando mesmo como o negativo daquilo de que ela é mesmo origem”. (ANTELO, 2011, p. 02)

⁸⁷ BERNAL, 1979, p. 414-415.

aqui”⁸⁸. No desenvolvimento da propriedade capitalista, o homem patenteia a riqueza de seus sentidos capazes, ainda que a única fruição que o capital conheça seja a unilateralidade da posse. O homem *vem a ser* humano em sua desumanização na relação com o produto do trabalho passado. Não há erro na proposição de que sem antígenos não há anticorpos, mas nela o presente é sempre adiamento. A cisão da existência humana em elementos universais e singulares é o berço de toda ciência. Para Newton, um mundo ordenado do qual se podem extrair leis haveria de ser fruto de um ato de criação em que o ser pensante se separa de seu corpo. Marx humanizou o deus newtoniano ao explicar que a separação entre corpo e alma está na produção para a perda. O fato é que a humanização que o homem alcança na generalidade das leis de Newton só pode ser obtida a partir da afirmação dos limites. A generalidade humana só existe como contraface da redução do homem a átomos de tempo. O universal só existe no cálculo infinitesimal.

Nós importamos, no bojo dos cargueiros e dos negreiros de ontem, no porão dos transatlânticos de hoje, toda a ciência e toda a arte errada, que a civilização da Europa criou. Importamos toda produção dos prelos incoerentes de Além-Atlântico. Vieram, para nos desviar, os Anchietas escolásticos, de sotaina e latinório; os livros indigestos e falsos. Que fizemos nós? Que devíamos ter feito? Comê-los todos. Sim, enquanto esses missionários falavam, pregando-nos uma crença civilizada, de humanidade cansada e triste, nós devíamos tê-los comido e continuar alegres. Devíamos assimilar todas as natimortas tendências estéticas da Europa, assimilá-las, elaborá-las em nosso subconsciente, e produzirmos coisa nova, coisa nossa.⁸⁹

O empréstimo que faço de Darcy Ribeiro e Oswald de Andrade se deve ao fato de que ambos compreenderam que a riqueza de humanidades que o movimento antropofágico do capital cria não cabe em seu próprio ato criativo. A complexidade que a produção capitalista cunha – no clima, na biodiversidade, nas epidemias, etc – tornam obsoletos os cálculos estatísticos avançados que só são capazes de projetar no futuro a síntese do engendrar passado. O paradigma da solução seqüencial de problemas limita a capacidade de processamento dos computadores e se torna um entrave ao crescimento da acumulação de capital num ritmo superior à sua própria degeneração. Em uma reportagem publicada em dezembro de 2010, o site de divulgação científica Inovação Tecnológica descreve o entrave da seguinte maneira:

Os microprocessadores aumentaram de velocidade por um fator de 10.000 durante os anos 1980 e 1990. Mas dois obstáculos podem fazer com que o poder de processamento bata de frente com um muro na próxima década.

⁸⁸ MARX, 2004a, p. 110.

⁸⁹ ANDRADE, Oswald de, 1990b, p. 44.

Conforme os transistores se tornaram cada vez menores e mais densamente empacotados dentro dos chips, a velocidade dos processadores se estabilizou. Eles atingiram a casa dos 3 gigahertz em 2005, e ficaram aí desde então. Isto ocorre porque chips com *clocks* maiores geram calor demais.

Esse patamar na velocidade de *clock* ameaça acabar com a tendência que chamamos de Lei de Moore – a duplicação do número de transistores em um chip a cada dois anos.

Para tentar sair desse planalto sem graça, e voltar a escalar novos picos de processamento, os fabricantes começaram a fabricar processadores com vários núcleos.

Mas o relatório [elaborado pelo Conselho Nacional de Pesquisas dos EUA, intitulado *O Futuro do Desempenho da Computação: Fim do Jogo ou Próximo Nível?*] adverte que processadores multicore não são o bastante para salvar a Lei de Moore: a eficiência energética dos transistores atuais não pode ser melhorada muito mais, e o desempenho ‘irá se tornar limitado pelo consumo de energia dentro de uma década’.

E, para isso, só há uma saída, segundo o documento: inventar uma nova arquitetura para os transistores, ou seja, usar transistores melhores, que ainda não foram inventados⁹⁰.

A capacidade de automontagem que se pode obter com o desenvolvimento do processamento paralelo e da computação quântica se torna vital para que a queda na taxa de lucro exista apenas como tendência. No entanto, as equações da física quântica não são a corroboração do ato fundante da relação capitalista, desenvolvimento das forças produtivas, domínio do tempo. O que encontrei nos estudos da escala subatômica foi a criação de uma ficção capaz de romper a temporalidade das coisas, que o homem produz ao produzir sua sociabilidade. Na natureza probabilística das formulações da mecânica quântica, as barbas de Tiradentes encontram outra cara e outra vergonha⁹¹.

⁹⁰ Disponível em: <<http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=revolucao-futuros-avancos-computacao&id=010150101221>>.

⁹¹ “O destino caiu, coroou desta vez a cabeça de Joaquim José, condenado pela Rainha Louca a morrer morte natural na forca, ser esquartejado e exposto para escarmento do povo. Despedaçado, lá ficaram suas partes apodrecendo, até que o tempo as consuma como queria dona Maria. Os quatro quartos plantados fedendo, na Estrada Real. A cabeça com a cabeleira e a barba, bastas, alçada num poste alto, em Ouro Preto, guardada por famintos urubus asas de ferro, bicos agudos: tenazes. Estes foram, só eles, seus coveiros. Acabado assim tão acabado, sem ao menos a caridade de cal virgem, Tiradentes não se acabou nem se acaba. Prossegue em nós, latejando. Pelos séculos continuará clamando na carne dos netos de nossos netos, cobrando de cada qual sua dignidade, seu amor à liberdade. As barbas. As barbas. As barbas. Aqui permanecerão à espera doutra cara e doutra vergonha”. (RIBEIRO, op. cit., p. 139-140)

3.2 O CORPO SEM ALMA

O infinito que a experiência sensível permite alcançar é a generalização. “No grande existe sempre um maior”⁹², diz Anaxágoras. A continuidade do infinitamente pequeno, por sua vez, é uma construção matemática, não possui uma realidade física independente. Para explicar como o menor existe no pequeno, Anaxágoras concebe as homeomerias, isto é, o mundo sensível é constituído em si e a partir de si mesmo de partes iguais não-sensíveis. A proposição de Anaxágoras se diferencia do atomismo de Demócrito, pois o infinitamente múltiplo em que se resolve o fenômeno não possui qualquer qualidade. O matemático Luitzen Brouwer explica que o infinito que alvorece além da experiência sensível não é um agregado rígido e fechado, mas um “meio de formação livre”⁹³. O construtivismo, diz Brouwer, é o modo pelo qual a ciência pode obter formações abertas.

Para o infinito indutivista, o cálculo de probabilidade é a legitimação de que o axioma faz de todo acontecer repetição. Keynes compreende o caráter estático deste cálculo e atribui a flutuação do nível de atividade presente às incertezas a respeito da demanda futura. Para o infinito construtivista, porém, a estatística é a medida da ausência de finalidade, pois a supressão dos limites está na própria forma de determinação do ilimitado. Neste sentido, Hegel argumenta que o absoluto devir de Heráclito se aproxima mais do indutivismo, enquanto as homeomerias de Anaxágoras buscam a infinitude construída.

O devir de Heráclito, que é apenas processo (*heimarméne*), não é ainda aquilo que se determina independente e autonomamente. Na atividade que a si mesma determina está igualmente contido o fato de que a atividade, enquanto produz o processo, se conserva como o universal, o igual a si mesmo. O fogo (o processo segundo Heráclito) morre; ele é passagem para o outro, não é independência. Ele também é círculo, retorno ao fogo; mas o princípio não se conserva em suas determinações. É apenas posta a passagem para o oposto – não o universal, que se conserva em ambas as formas⁹⁴.

O fogo de Heráclito e as homeomerias de Anaxágoras não comportam o infinito, pois reproduzem a oposição entre o mundo sensível e o mundo supra-sensível. Só há infinitude na ruptura da forma. No final do século XIX, os físicos encontravam dificuldades em aplicar os princípios da mecânica clássica aos estudos sobre a relação entre matéria e radiação. Embora a experiência sensível sugerisse que a energia se propaga pelo espaço de forma contínua, a

⁹² ANAXÁGORAS apud FUCHS, op. cit., p. 153.

⁹³ BROUWER apud FUCHS, op. cit., p. 154.

⁹⁴ OS PRÉ-SOCRÁTICOS, op. cit., p. 228.

exemplo de uma onda no mar, os fenômenos de absorção e emissão da radiação só poderiam ser explicados através de uma representação descontínua da energia no espaço, sob a forma de um *quantum* elementar. Ainda que a natureza simultaneamente ondulatória e corpuscular da radiação não possa ser medida, pois o experimento que tenta evidenciar um dos comportamentos suprime o outro, esta dualidade unificou a lei de conservação da massa e da energia.

Os estudos de Einstein sobre o efeito fotoelétrico tiveram papel fundamental na consolidação da física quântica, mas o fato de que a verdade só se revelava parcialmente o incomodava. Einstein acreditava que a existência de uma realidade objetiva independente do observador era a base de toda ciência⁹⁵. A oposição à concepção de uma realidade em si ficou conhecida como interpretação de Copenhague da física quântica – que se consolidaria como mecânica quântica. O ato de medir pressupõe a separação dos fenômenos em elementos universais e singulares. No entanto, o prejuízo provocado pela medida não assume, na mecânica quântica, o aspecto de incompatibilidade entre a previsão e a verificação, mas se transforma na positividade da supressão do determinismo através de uma formulação de caráter estatístico.

No final do século XIX, o campo eletromagnético de Maxwell anunciava o declínio da formulação mecanicista segundo a qual todos os fenômenos se resolvem na relação entre matéria e movimento. Esse período da história da ciência ficou caracterizado pela disputa a respeito da realidade do átomo. O físico Wilhelm Ostwald alegava que os não-observáveis deveriam ser banidos da ciência porque o atomismo conduzia a uma explicação atemporal dos fenômenos, isto é, os processos mecânicos poderiam se desenvolver, sem prejuízo de significado, para frente ou para trás no tempo. Para compreender como os movimentos reversíveis dos átomos podiam dar origem a fenômenos macroscópicos irreversíveis, o físico Ludwig Boltzmann abandonou a descrição da trajetória individual das moléculas e atribuiu um caráter estatístico à entropia de um sistema. Inspirado em Darwin, Boltzmann acreditava que uma realidade atômica intrinsecamente aleatória era responsável pela irreversibilidade dos fenômenos.

⁹⁵ A mecânica quântica se desenvolve em oposição à concepção de Einstein e Infeld (2008) de que o objeto da ciência é semelhante a um relógio cujo mecanismo interno é desconhecido pelo homem. “Ele vê o mostrador e os ponteiros em movimento, até ouve o seu tique-taque, mas não tem meio algum de abrir a caixa. Se for engenhoso, poderá formar alguma imagem de um mecanismo que poderia ser responsável por todas as coisas que observa, mas jamais poderá estar bem certo de que a sua imagem seja a única capaz de explicar as suas observações. Jamais poderá comparar essa imagem com o mecanismo real e não pode sequer imaginar a possibilidade ou o significado de tal comparação”. (EINSTEIN; INFELD, 2008, p. 36)

Mas a mecânica quântica dá outro sentido à abordagem estatística de Boltzmann. “Qualquer medida da posição de um elétron por meio de um aparelho, tal como o microscópio, que utilize radiação de alta frequência estará [...] ligada a uma troca de momento entre o elétron e o instrumento de medida, que será tão maior quanto mais exata for a medida da posição que se procura obter”⁹⁶. A brecha ao erro da medida é criada a partir de uma formulação que faz de seu próprio corpo o ilimitado, corpo sem alma, pois a infinitude que almeja não se ergue sobre a produção de limites. Bernal (1979) acredita que a ode ao indeterminismo se presta a reafirmar a existência de uma força externa que explica a arbitrariedade do estado de coisas. No entanto, a importância dos estudos da escala subatômica não está na determinação da incerteza, mas na formulação estatística que nasce do erro.

En atención a esta presunta indeterminación del electrón, se ha dicho que en cierto sentido éste es un agente libre: en un momento determinado puede hacer algo o no hacerlo. Y si el electrón tiene libre albedrío, ¿por qué no ha de tenerlo el hombre mismo? ¿Y acaso esto no supone el derrumbamiento de todo el edificio del determinismo científico y su sustitución por un caos de indeterminación? Pero ocurre que, curiosamente, la mayor parte de los partidarios del indeterminismo físico no son en absoluto indeterministas: lo que en realidad buscan es una posibilidad para la interferencia divina en los asuntos del universo en todos sus detalles, haciendo que los electrones ocupen unas posiciones o las abandonen por razones arbitrarias. En cierta ocasión Einstein comentó esta actitud bastante adecuadamente: “Un Dios que pierde su tiempo en juegos de azar, no me inspira ningún respecto”⁹⁷.

Einstein se opunha à concepção de que o limiar da matéria possuía uma realidade física aleatória. Prigogine (1996) explica que, para Einstein, a probabilidade é apenas uma medida da ignorância a respeito da realidade física efetiva. Minha proposição é que a formulação estatística é tampouco a representação física do infinitamente pequeno quanto a medida de seu desconhecimento, mas o rompimento com a pressuposição de uma realidade em si, isto é, a formulação da realidade enquanto atividade. O ato criativo do capital pulsa na mecânica de Newton. A produção para a perda na fábrica é a base terrena sobre a qual ela se ergue. Mas na impossibilidade de mensurar, a matemática deixa de ser uma linguagem morta e se torna atividade. Sob o alento da inessencialidade do fenômeno, a ciência só reproduz a existência da humanidade do homem como adiamento, o caráter geral de suas formulações só existe a partir da produção de limites. No entanto, a abolição do homem-trabalhador resulta na supressão da práxis como divisão da existência humana em forma e conteúdo.

⁹⁶ BOHR, 1995, p. 49-50.

⁹⁷ BERNAL, op. cit., p. 50.

Para Marx, assim como para Einstein, a média reafirma a separação da existência humana em elementos universais e singulares, seja em relação à produtividade social média que recai sobre o trabalhador parcial ou em relação à mais-valia produzida pelo capital de composição orgânica média que determina a taxa de lucro dos capitais individuais. “Esse fixar-se da atividade social, essa consolidação de nosso próprio produto num poder objetivo situado acima de nós, que foge ao nosso controle, que contraria nossas expectativas e aniquila nossas conjecturas”, diz Marx, “é um dos principais momentos no desenvolvimento histórico até aqui realizado”⁹⁸. O que busco na física quântica é a realização da grande tarefa revolucionária que o próprio Marx (1977) havia indicado⁹⁹: o homem já não encontra a razão do seu ser no passado. Mas tampouco volta-se para o futuro como único tempo possível. É um fazer ilimitado – porque a infinitude a que se pretende não se erige sobre a produção de limites – que a existência da degeneração do capital como potência cria.

Sob o imperativo do movimento antropofágico do capital, a história é o vetor crescente da universalidade do intercâmbio entre os homens se explicitando na universalidade do espaço humano. A existência *profana* do gênero é o espaço. Jules Michelet (1989) diz que em 14 de julho de 1789 Paris atingiu a ordem mais profunda: a unanimidade dos espíritos. A tomada da Bastilha era o modo como aquele querer uníssono ganhara contornos mundanos. No entanto, derrubar a velha fortaleza simbolizava a derrubada da própria *forma* que os submetia. Derrubavam o fantasma para enterrar o verdadeiro defunto.

Desde esse tempo, o povo da cidade e dos arredores, que incessantemente, nesse lugar tão freqüentado, passava e repassava à sua sombra, não deixava de amaldiçoá-la. Ela bem merecia esse ódio. Havia muitas outras prisões, mas essa era a da arbitrariedade caprichosa, do despotismo fantasioso, da inquisição eclesiástica e burocrática. A corte, tão pouco religiosa neste século, fizera da Bastilha o domicílio dos livres espíritos, a prisão do pensamento¹⁰⁰.

Que a impossibilidade da medida se transforme em um ato criativo significa que a *radicalidade* da sociedade capitalista *não é* seu elemento *radical*. Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx mostra como o homem assenta sua humanidade fora de si ao se desumanizar na produção para a perda. Estas palavras despem o leitor, traduzem os seus

⁹⁸ MARX; ENGELS, 2007, p. 38.

⁹⁹ “A revolução social do século dezanove não pode tirar sua poesia do passado, e sim do futuro. Não pode iniciar sua tarefa enquanto não se despojar de toda veneração supersticiosa do passado. As revoluções anteriores tiveram de lançar mão de recordações da história antiga para se iludirem quanto ao seu próprio conteúdo. A fim de alcançar o seu próprio conteúdo, a revolução do século dezanove deve deixar que os mortos enterrem os seus mortos. Antes a frase ia além do conteúdo; agora é o conteúdo que vai além da frase”. (MARX, 1977, p. 20)

¹⁰⁰ MICHELET, 1989, p. 155-156.

sentimentos mais íntimos. Minhas formulações não pretendem negar-lhe a *verdade*, mas evidenciar que a oposição ao materialismo de Feuerbach¹⁰¹ tem de fazer de seu próprio corpo a supressão da miséria pela qual o homem só *é* em seu *não-ser*.

O único movimento que o leitor reconhece como legítimo é aquele que se dá como resultado da ação de uma força externa e que faz do seu *ser* uma obrigação com o futuro. Mas a mecânica quântica faz da capacidade de automontagem uma realidade prático-efetiva. A construção da brecha não quer o tempo vindouro, não quer as promessas de humanidade que estão no limiar da desumanização do homem, não quer os *Realpolitiker* e sua política do necessário. A existência da queda da taxa de lucro como tendência faz com que a política econômica que justifica as suas catástrofes com o progresso só produza paralisia e imobilidade. Essa é a razão pela qual Celso Furtado (1974), em *O mito do desenvolvimento econômico*, identifica o desenvolvimento enquanto uma miragem que move a história para que ela não se mova. A história está tão quieta que junta poeira, diz Benjamin (2009). Ao descrever o movimento revolucionário de 1848 na França, Marx (1977) diz que os homens se assemelhavam a sombras sem corpos. Na Inglaterra, o desenvolvimento dos mecanismos de crédito e de alavancagem financeira deixou a revolução sem discurso¹⁰². A natureza acústica do estado de emergência é o silêncio.

¹⁰¹ “O principal defeito de todo o materialismo existente até agora – o de Feuerbach incluído – é que o objeto [*Gegenstand*], a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do *objeto* [*Objekt*] ou da *contemplação*; mas não como *atividade humana sensível*, como *prática*, não subjetivamente. Daí decorreu que o lado *ativo*, em oposição ao materialismo, foi desenvolvido pelo idealismo – mas apenas de modo abstrato, pois naturalmente o idealismo não conhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis [*sinnliche Objekte*] efetivamente diferenciados dos objetos do pensamento; mas ele não apreende a própria atividade humana como atividade *objetiva* [*gegenständliche Tätigkeit*]. Razão pela qual ele enxerga, na *Essência do Cristianismo*, apenas o comportamento teórico como o autenticamente humano, enquanto a prática é apreendida e fixada apenas em sua forma de manifestação judaica-suja. Ele não entende, por isso, o significado da atividade ‘revolucionária’, ‘prático-crítica’”. (MARX; ENGELS, op. cit., p. 533)

¹⁰² “Está sem mulher,

está sem discurso,

está sem carinho,

já não pode beber,

já não pode fumar,

cuspir já não pode,

a noite esfriou,

o dia não veio,

o bonde não veio,

o riso não veio

não veio a utopia

e tudo acabou

e tudo fugiu

e tudo mofou,

e agora, José?” (ANDRADE, Carlos Drummond de, op. cit., p 20-21)

[...] alianças cuja primeira cláusula é a separação; lutas cuja primeira lei é a indecisão; agitação desenfreada e desprovida de sentido em nome da tranqüilidade, os mais solenes sermões sobre a tranqüilidade em nome da revolução; paixões sem verdade; verdades sem paixões, heróis sem feitos heróicos, história sem acontecimentos; desenvolvimento cuja única força propulsora parece ser o calendário, fatigante pela constante repetição das mesmas tensões e relaxamentos; antagonismos que parecem evoluir periodicamente para um clímax, unicamente para se embotarem e desaparecer sem chegar a resolver-se; esforços pretensiosamente ostentados e terror filisteu ante o perigo de o mundo acabar-se, e ao mesmo tempo as intrigas mais mesquinhas e comédias palacianas representadas pelos salvadores do mundo que, em seu *laissez aller*, recordam mais do que o dia do juízo final os tempos da Fronda – o gênio coletivo oficial da França reduzido a zero pela estupidez astuciosa de um único indivíduo; a vontade coletiva da nação, sempre que se manifesta por meio do sufrágio universal, buscando sua expressão adequada nos inveterados inimigos dos interesses das massas, até que finalmente a encontra na obstinação de um flibusteiro. Se existe na história do mundo um período sem nenhuma relevância, é este. Os homens e os acontecimentos aparecem como Schlemihls invertidos, como sombras que perderam seus corpos. A revolução paralisa seus próprios portadores, e dota apenas os adversários de uma força apaixonada¹⁰³.

Benjamin (2009) diz que o progresso se legitima na concepção de que a catástrofe está na permanência das coisas assim como estão. Mas que o ser do homem seja sempre adiamento é a maior de todas as catástrofes. Quem é o economista senão o agente da paralisia? Criador de ficções que se transformam em fábulas – a guerra nas estrelas, o combate ao terror, a luta pela estabilidade de preços. O que me pergunto é se os avanços da mecânica quântica podem se constituir num ato de criação do espaço em que o espaço deixe de ser uma equação diferencial do capital, produtor do consenso porque ele é a única forma possível. Contra o espaço em que tudo se repete – igreja, universidade, partido político¹⁰⁴ –, a dessacralização do ato de criação do espaço. O que me pergunto é se a média pode deixar de corroborar a divisão da existência humana em elementos universais e singulares para se constituir numa base produtiva que já não se move pelo peso que o futuro dispõe sobre o presente. A criação do espaço da supressão da temporalidade que o homem produz em sua desefetivação, eis o que significa a luta pelo presente.

Este trabalho não se propõe a resolver esta inquietação. Pelo contrário, quer criá-la, torná-la visível, para que possa esvaziar a única linguagem que a economia conhece: a moral. “Quanto menos tu fores, quanto menos externares a tua vida”, ironiza Marx, “tanto mais tens, tanto maior é a tua vida exteriorizada, tanto mais acumulas da tua essência estranhada”¹⁰⁵. O

¹⁰³ MARX, 1977, p. 42.

¹⁰⁴ “A escola não ensina, a igreja não catequiza, os partidos não politizam”. (RIBEIRO, op. cit., p. 190)

¹⁰⁵ “Por isso, ela [a economia] é – apesar de seu aspecto mundano e voluptuoso – uma ciência efetivamente moral, a mais moral de todas as ciências. A auto-renúncia, a renúncia à vida, a todas as carências humanas, é a sua tese principal. Quanto menos comeres, beberes, comprares livros, fores ao teatro, ao baile, ao restaurante, pensares, amares, teorizares, cantares, pintares, esgrimires etc., tanto mais tu poupas, tanto maior se tornará o teu

domínio do tempo e o movimento antropofágico em que ele se resolve exigem o desenvolvimento de uma base produtiva que supere o determinismo, isto é, que supere a própria forma que o ato criativo do capital assume. Diante desse movimento, a economia já não pode ser um extenso inventário, peso moribundo sobre os ombros dos vivos.

A redução do tempo de trabalho socialmente necessário para a produção da vida exige que o capital global cresça na direção da criação de *espaços ilimitados* – a arquitetura da cidade, os meios de comunicação e de transporte, a educação, a produção de energia, a arte. Contra o espaço separatista e totalitário, o espaço criado como espaço de criação. A profissão do economista é o saque sobre o futuro, mas já não basta exercê-la dando vida à forma morrediça do determinismo¹⁰⁶. Suas ficções têm de privilegiar a *formação* em detrimento da *forma*. A humanidade cinza, poluída, asfáltica e exausta já não comporta a si mesma. Daí resulta a criação de uma base produtiva ilimitada para qual o economista já não pode fechar os olhos.

As propriedades quânticas só se explicitam para comprimentos de onda bem inferiores ao da luz visível. Isso não significa que não existam para aquilo que nos é visível, mas que para o olho humano seus efeitos são desprezíveis. O que busco é tornar visível o ato criativo que nasce da impossibilidade da medida, assim como o telescópio de Galileu tornou possível uma nova representação de mundo que refletia nos céus o processo de socialização da vida. Quando a média se transfigura na forma mais acabada de produção da vida, o ato profano de distanciamento da forma que a relação capitalista assume não procura vestígios de um mundo possível, mas quer o tempo presente. A construção do hoje não está no ato de matar os deuses. É o ato de “não entrar no templo” – a impossibilidade da medida – que permite a criação de

tesouro, que nem as traças nem o roubo corroem, teu capital. Quanto menos tu fores, quanto menos externares a tua vida, tanto mais tens, tanto maior é a tua vida exteriorizada, tanto mais acumulas da tua essência estranhada. Tudo o que o economista nacional te arranca de vida e de humanidade, ele te supre em dinheiro e riqueza. E tudo aquilo que tu não podes, pode o teu dinheiro: ele pode comer, beber, ir ao baile, ao teatro, sabe de arte, de erudição, de raridades históricas, de poder político, pode viajar, pode apropriar-se disso tudo para ti; pode comprar tudo isso, ele é a verdadeira *capacidade* (*Vermögen*). Mas ele, que é tudo isso, não deseja senão criar-se a si próprio, pois tudo o mais é, sim, seu servo, e se eu tenho o senhor, tenho o servo e não necessito do seu servo. Todas as paixões e toda a atividade têm, portanto, de naufragar na cobiça. Ao trabalhador só é permitido ter tanto para que queira viver, e só é permitido querer viver para ter”. (MARX, 2004a, p. 141-142)

¹⁰⁶ Belluzzo (2011) narra as observações que Machado de Assis fazia em 1896 sobre o câmbio: “[...] inimigo sorrateiro e calado”, diz Machado, “já está em oito e tanto e ninguém sabe onde parará; é capaz de nem parar em zero e descer abaixo dele uns oito graus ou nove. O mal do câmbio parece-se um pouco com o da febre amarela, mas para a febre amarela a magnésia fluida de Murray, que até agora só curava dor de cabeça e indigestões, é específico provado neste verão, segundo leio em placa de ferro. Que magnésia há contra o câmbio?”. O regime de metas de inflação é a forma com que a superprodução de capital que entra *sorrateiramente* pelo balanço de pagamentos brasileiro é parcialmente absorvida, pois restringe a atuação do Estado. Para além das medidas de controle seletivo de capital, driblar a pressão inflacionária decorrente da política monetária expansionista dos EUA passa pelo estímulo a uma base produtiva que suprima o determinismo, pois já não se ergue sobre a produção de limites.

um espaço em que o caráter genérico do homem não existe como contrapartida da produção de limites.

Os pássaros cantavam, os proles cantavam, o Partido não cantava. No mundo inteiro, em Londres e em Nova York, na África e no Brasil e nas terras misteriosas e proibidas de além-fronteira, nas ruas de Paris e Berlim, nas aldeias da infindável planície russa, nos bazares da China e do Japão – em toda parte a mesma figura sólida, invencível, que o trabalho e os partos sucessivos haviam tornado monstruosa; trabalhando desde nascer até morrer, e sempre cantando. Daqueles corpos robustos viria um dia uma raça de seres conscientes. O futuro era deles. Mas era possível participar desse futuro mantendo o espírito vivo como eles mantinham o corpo, e passar adiante a doutrina secreta de que dois e dois são quatro.

- Nós somos os mortos – disse ele.

- Nós somos os mortos – repetiu Júlia, lealmente.

- Vós sois os mortos – ecoou uma voz de ferro, por trás deles¹⁰⁷.

Esta cena de *1984* de George Orwell traz o diálogo que antecede a prisão de Winston. Na criação de uma base produtiva ilimitada, nós somos os vivos. Uma vivacidade da qual o homem já não pode fugir, sob pena de não produzir a si mesmo.

¹⁰⁷ ORWELL, 2005a, p. 212.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ANDRADE, Oswald de. *A morta*. 2. ed. São Paulo: Globo, 1995.

_____. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990a.

_____. *Os dentes do dragão: entrevistas*. São Paulo: Globo : Secretaria de Estado da Cultura, 1990b.

_____. *O rei da vela*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

ANTELO, Raul. O absoluto. In: COLÓQUIO LITERATURA DE VANGUARDA E POLÍTICA, 2011, Florianópolis.

ARISTÓTELES: vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1998.

AUED, Idaleto Malvezzi. *Alienação, divisão do trabalho e manufatura em Karl Marx: ou de como libertar o trabalhador do trabalho*. 2004. 79 p. Tese – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP, Araraquara, 2004.

_____. *Alienação, maquinaria e grande indústria moderna em Karl Marx: ou de como o homem se liberta do trabalhador*. 2005a. 59 p. Tese – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP, Araraquara, 2005a.

_____. *Transcendência (Aufhebung), alienação, manufatura e maquinaria em Karl Marx: ou de como o homem supera sua desumanização e faz-se homem plenamente desenvolvido*. 2005b. 55 p. Tese – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP, Araraquara, 2005b.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Machado, o câmbio e a turma da bufunfa. *Valor Econômico*, São Paulo, 5 abr. 2011, p. A13.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BERNAL, John D. *Historia social de la ciencia*. 5. ed. Barcelona: Península, 1979. v. 2.

BOHR, Niels. *Física atômica e conhecimento humano: ensaios 1932-1957*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

BORN, Max et al. *Problemas da física moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRECHT, Bertolt. *Estudos sobre teatro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies e a seleção natural*. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

_____. *A origem do homem e a seleção sexual*. Curitiba: Hemus, 2002.

EINSTEIN, Albert; INFELD; Leopold. *A evolução da física*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

EISBERG, Robert; RESNICK, Robert. *Física quântica: átomos, moléculas, sólidos, núcleos e partículas*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

FUCHS, Walter R. *A matemática moderna*. São Paulo: Polígono, 1970.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HAWKING, Stephen W. *O universo numa casca de noz*. São Paulo: Ediouro, 2009.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Science de la logique*. Paris: Aubier-Montaigne, 1976.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

KEYNES, John Maynard. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. São Paulo: Global, s/d.

_____. *Líneas fundamentales de la crítica de la economía política (Grundrisse)*. Barcelona: Brijalbo, 1978.

_____. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004a.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b. v. 1.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. v. 2.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a. v. 4.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b. v. 5.

_____. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Para a crítica da economia política ; Salário, preço e lucro ; O Rendimento e suas fontes: a Economia Vulgar*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MICHELET, Jules. *História da revolução francesa: da queda da Bastilha à festa da Federação*. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

NEWTON, Isaac. *Princípios matemáticos ; Óptica ; O peso e o equilíbrio dos fluidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

NODARI, Alexandre. A censura como instrumento da guerra psicológica. In: SEMINÁRIO DIREITO E DITADURA, 2010, Florianópolis.

_____. *“a posse contra a propriedade”*: pedra de toque do Direito Antropofágico. 2007. 168 p. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, Florianópolis, 2007.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005a.

_____. *Dentro da baleia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS: vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

PEDUZZI, Luiz. *Da física e da cosmologia de Descartes à gravitação newtoniana*. Publicação interna. Departamento de Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

_____. *Do átomo grego ao átomo de Bohr*. Publicação interna. Departamento de Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

_____. *Força e movimento: de Thales a Galileu*. Publicação interna. Departamento de Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

POINCARÉ, Jules-Henri. *A ciência e a hipótese*. Brasília: Editora UnB, 1985.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICHTA, Radovan. *Economia socialista e revolução tecnológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

SHAKESPEARE, William. *Tróilo e Cressida ; Timão de Atenas*. São Paulo: Ediouro, [19--].

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOYNBEE, Arnold. *A humanidade e a mãe-terra: uma história narrativa do mundo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.